

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE DESENHO E TECNOLOGIA  
CURSO DE DESIGN

**MARCELLA ABREU DOS SANTOS**

**ENTRE DESIGN E ANTROPOLOGIA: UMA ANÁLISE DO DESIGN  
ANTHROPOLOGY**

São Luís  
2018

**MARCELLA ABREU DOS SANTOS**

**ENTRE DESIGN E ANTROPOLOGIA: UMA ANÁLISE DO DESIGN  
ANTHROPOLOGY**

Monografia apresentada ao Curso de Design  
pela Universidade Federal do Maranhão –  
UFMA para obtenção do título de Bacharel em  
Design.

Orientadora:  
Profa. Dra. Raquel Gomes Noronha

São Luís  
2018

**MARCELLA ABREU DOS SANTOS**

**ENTRE DESIGN E ANTROPOLOGIA: UMA ANÁLISE DO DESIGN  
ANTHROPOLOGY**

Monografia apresentada ao Curso de Design pela  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA,  
para obtenção do título de Bacharel em Design.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Raquel Gomes Noronha  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> MSc. Luciana Bugarin Caracas

---

Prof. MSc. Márcio James Guimarães

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

SANTOS, Marcella Abreu dos.

Entre design e antropologia : uma análise do Design  
Anthropology / Marcella Abreu dos SANTOS. - 2018.  
57 f.

Orientador(a): Raquel Gomes NORONHA.  
Monografia (Graduação) - Curso de Design, Universidade Federal do Maranhão,  
São Luís, 2018.

1. Design anthropology. 2. Systematic review. 3. Theory.  
I. NORONHA, Raquel Gomes. II. Título.

Dedico este trabalho à Raquel que sempre me incentivou e acreditou no meu potencial, mesmo nas vezes que pensei em desistir. Tudo que aprendi até aqui devo a ti.

E aos meus pais que mesmo não entendendo meus sonhos nunca deixaram de me incentivar e sustentar nos momentos difíceis.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, e a meus pais, que são minha base e me apoiam no desenvolvimento pessoal e profissional. Ao meu irmão Leandro e minha cunhada Priscila, que estiveram comigo no momento mais difícil da minha vida, e que acreditam em mim mesmo quando eu não sou capaz de acreditar.

A minha orientadora Raquel Noronha, pelo carinho, compressão e amizade. Pela oportunidade que me deu de participar do projeto Iconografias do Maranhão e me ensinou tudo que sei sobre design. Te agradeço por todo tempo e dedicação investidos em mim para que eu pudesse me tornar uma profissional e uma pessoa melhor. Te agradeço por me ensinar o significado e a importância da pesquisa, por me tirar da sala de aula e me permitir entender que design é muito mais do que um emaranhado de conceitos e técnicas de projeto, mas sim um conhecimento que se molda com e molda o próprio mundo e pode e deve fazer diferença na vida em sociedade. E principalmente, te agradeço por nunca ter desistido de mim, quando muitas vezes eu mesma pensei em desistir.

Aos companheiros de projeto e amigos Imaíra Portela, Milena Alves, Raiama Portela e Júnior Lages, foi uma honra trabalhar e principalmente crescer com vocês.

As minhas amigas irmãs Iara Guará, Isabella Nogueira, Seane Melo e Tarsila Aragão pela amizade incondicional, apoio em todas as horas, e por sempre enxergarem além do que eu consigo ver.

Aos amigos Lucas Drumond e Ênio Aguiar, por me ouvir e por se importar em mostrar que o melhor da vida acontece é nas escolhas “erradas”, nos desencontros e em quando parecemos estar perdidos.

A meu grande novo velho amigo Odival Quaresma, que me ajudou quando ninguém mais pôde.

E por fim, aos amigos que a ‘internet’ me deu e que me acompanham nos momentos bons e ruins; online ou ‘na vida real’, e hoje são mais que amigos (friends) são família: Douglas Assis, Amanda Menezes, Leandro Silva, Osmar Golegã, Hélio Paiva, Steffan Rafael, Shi Sagara, Alex Marques, André Anastácio, Jhonatan Bassut, Tarsis Azevedo, Murilo Ferraz, Caio Corrêa, Maria Elisa, Eduardo Garcia, Cadu Carvalho, e especialmente a Renato Jacques, Felipe Antunes e Lucas (Luquetucho) Abreu, que podem não saber, mas fazem toda a diferença na minha vida.

## RESUMO

Na produção de conhecimento em Design, é frequente a adoção de práticas de outros campos de estudo. Muito já se pesquisou sobre o uso da antropologia no projetos de design e como isso afeta de forma positiva os resultados dos projetos desenvolvidos. Refletindo sobre esta proposta de trazer a prática projetual para dentro do campo antropológico, este trabalho pretende, por meio de Revisão Sistemática, analisar o Design Anthropology enquanto subcampo do conhecimento resultante da correspondência entre os campos do design e da antropologia, com o intuito de compreender seus preâmbulos e seus desdobramentos/contribuições para o próprio campo do Design.

**Palavras-chave:** design anthropology; teoria; design; revisão sistemática.

## **ABSTRACT**

In the production of knowledge in Design, it is frequent to adopt practices from other fields of study. Much research has already been done on the use of anthropology in design projects and how this positively affects the results of the projects developed. Reflecting on this proposal to bring the design practice into the anthropological field, this work intends, through Systematic Review, to analyze Design Anthropology as a subfield of knowledge resulting from the correspondence between the fields of design and anthropology, in order to understand its preambles and its developments / contributions to the field of Design itself.

**Key-Words:** design anthropology; theory; design; systematic review.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2.</b>	<b>A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: A PESQUISA CIENTÍFICA</b>	<b>13</b>
<b>2.1.</b>	<b>Abordagem metodológica: Revisão Sistemática como método de pesquisa</b>	<b>14</b>
<b>3.</b>	<b>REVISÃO SISTEMÁTICA QUALITATIVA: RESULTADOS</b> .....	<b>25</b>
<b>4.</b>	<b>ENTRE DESIGN E ANTROPOLOGIA: O PRINCÍPIO DE TUDO</b> .....	<b>34</b>
<b>4.1</b>	<b>Um breve histórico do Design Anthropology</b> .....	<b>37</b>
<b>4.2</b>	<b>Design Anthropology: um subcampo do conhecimento</b> .....	<b>39</b>
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>50</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>52</b>

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Mapa conceitual dos estudos identificados.....	21
Figura 2 - Planilha para registro dos dados obtidos.....	21
Figura 3 - Exemplo de metanálise que agrupou estudos A e B.....	23

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Diferenças entre Revisão Narrativa e Revisão Sistemática.....	17
Tabela 2 - Combinações de palavras-chave para construção teórica da problematização da Pesquisa.....	26
Tabela 3 - Resultados Selecionados.....	27
Tabela 4 - Pesquisas Excluídas da revisão sistemática.....	29
Tabela 5 - Pesquisas Incluídas na revisão sistemática.....	30
Tabela 6 – Síntese dos dados coletados na RSL.....	33

## 1. INTRODUÇÃO

“O design nasceu com o firme propósito de pôr ordem na bagunça do mundo industrial” (CARDOSO, 2012, p. 15), mas ao longo do tempo, evoluiu o mundo (sociedade) e com ele o próprio Design. Passou-se a discutir qual papel o design deveria representar na sociedade e especialmente como poderia promover desenvolvimento econômico e social (PATROCÍNIO, 2015, p. 56)

Nesse contexto, teve papel fundamental o designer austríaco Victor Papanek, que publicava o livro “Design for a real world”, onde apontava a antropologia como uma possível solução para que designers saíssem da condição alienada do ambiente de seus escritórios e começassem a projetar para um mundo real (CARDOSO, 2012, p. 18)

A partir desse ponto o design começa a buscar na antropologia alternativas para um projetar mais humano e social. Do aprofundamento das trocas/correspondências entre ambos os campos do saber é que se desenvolve o que hoje conhecemos por Design Anthropology.

Esse trabalho nasce de uma inquietação por compreender o que de fato estamos falando quando nos referimos ao Design Anthropology. Ao longo dele, pretendemos entender de forma mais aprofundada como se deram essas correspondências entre os campos do saber do design e da antropologia, que culminaram no que hoje entendemos por Design Anthropology. Pretendemos entender e apresentar o que é e quais as premissas do DA (Design Anthropology) e como ele pode contribuir para o campo do Design.

Optamos por fazer esse percurso por meio da Revisão Sistemática de Literatura, por entendermos que métodos sistematizados asseguram a validade dos resultados encontrados diminuindo ou extinguindo a ocorrência de vieses (GALVÃO et al, 2004; COOK, 1997; CASTRO, 2001; ULBRICHT et al., 2012).

No capítulo 2, introduziremos como a pesquisa científica, e seus métodos sistematizados e lógicos, podem contribuir para a construção do conhecimento (GERHARDT; SOUZA, 2009) e quais são as modalidades de pesquisa científica que podemos utilizar para alcançarmos nosso objetivo (SILVEIRA; CORDOVA, 2009). No mesmo capítulo entenderemos, de forma mais aprofundada, o porquê da escolha pela Revisão Sistemática de Literatura, o que é e quais as técnicas atreladas a ela (GALVÃO et al, 2004; COOK, 1997; CASTRO, 2001; ULBRICHT et al., 2012).

No capítulo seguinte (capítulo 3) apresentaremos os resultados da RSL propriamente dita. O objetivo aqui é que, através da descrição do caminho percorrido para se chegar a um resultado, o leitor consiga situar-se na pesquisa e ele mesmo possa replicar esses passos a fim de comprovar a validade do estudo ou mesmo aprofundá-lo por meio de nova revisão a partir do ponto onde esta se finda.

Por fim, no capítulo 4, aprofundaremos nosso entendimento sobre o Design Anthropology propriamente dito, a partir do entendimento dos próprios autores que participam da construção desse subcampo do saber.

## 2. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: A PESQUISA CIENTÍFICA

Lakatos e Marconi entendem que a ciência surge no contexto humano como uma necessidade de saber o porquê dos acontecimentos. Para os autores, a ciência é um modo de compreender e analisar o mundo através de um conjunto de técnicas e métodos. (apud PRAÇA, 2015, p. 73)

Gerhardt e Souza (2009, p. 11) a partir da leitura de Tartuce, entendem metodologia científica como “[...] estudo sistemático e lógico dos métodos empregados nas ciências, seus fundamentos, sua validade e sua relação com as teorias científicas”. Já Praça (2015, p. 74) recorre a Ciribelli para entender o conceito de metodologia científica: o “método científico pode ser definido como um conjunto de etapas e instrumentos pelo qual o pesquisador científico, direciona seu projeto de trabalho com critérios de caráter científico para alcançar dados que suportam ou não sua teoria inicial”.

Para as autoras é importante salientar a diferença entre metodologia e método. Enquanto que a metodologia se interessa pela validade do caminho escolhido para se alcançar o resultado da pesquisa, o método se atém aos procedimentos (técnicas) utilizados para se alcançar este resultado. (GERHARDT; SOUZA 2009, p. 13)

Com base nisso, Gerhardt e Souza entendem que a atividade preponderante da metodologia científica é a pesquisa. Que de acordo com Gil (apud GERHARDT; SOUZA, 2009, p. 12) é um “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados”.

Portanto, para que haja pesquisa, precisa primeiro existir uma indagação para a qual se pretende encontrar uma resposta. Essa primeira fase da pesquisa científica, segundo Gerhardt e Souza (2009, p. 12) “[...] envolve a escolha de um tema, a formulação do problema, a especificação dos objetivos, a formulação de hipóteses e a operacionalização dos métodos”.

Com o problema definido, segue-se a fase de definição do tipo de pesquisa a ser adotado. Os tipos de pesquisa podem ser identificados quanto à sua abordagem (quantitativa ou qualitativa); quanto à natureza (básica ou aplicada); quanto aos objetivos (exploratória, descritiva, aplicada); e quanto aos procedimentos (experimental, bibliográfica, documental, de campo, etnográfica, ex-post-facto, de levantamento, com survey, estudo de caso, pesquisa participante, pesquisa ação, etnometodológica). (SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 31 - 42)

Decidimos seguir em nossa pesquisa uma abordagem qualitativa, com objetivos exploratórios, a partir de procedimentos bibliográficos.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representação numérica, mas sim com explicar o porquê das coisas, e para isso se vale de diferentes abordagens (SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 32), sendo o cientista nesse processo ao mesmo tempo sujeito e objeto de sua pesquisa.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador. (MINAYO apud SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 32).

O caráter exploratório da pesquisa se dá, de acordo com Gil, com o “objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas de torná-lo mais explícito [...]. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; [...]” (GIL apud SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 35) que para Manzo

[...] oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente” e tem por objetivo permitir ao cientista “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações (Trujillo, 1974:230). Dessa forma a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. (MARCONI; LAKATOS, 2016, p 166).

No próximo tópico trataremos da Revisão Sistemática de Literatura como método escolhido dentro do escopo permitido em pesquisas qualitativas exploratórias a partir de levantamento bibliográfico.

## 2.1. Abordagem Metodológica: a Revisão Sistemática de Literatura como método de pesquisa.

Para um melhor aproveitamento da informação científica, é imprescindível que ela seja transformada em conhecimento, e para isso as informações precisam ser reunidas, organizadas,

criticamente avaliadas e/ou quantitativamente mensuradas. (ULBRICHT; OBREGON; BRAGA; FLORES, 2012, p. 95))

Uma das maneiras que temos para reunir e organizar essas informações é a revisão bibliográfica. Fontelles (apud PRAÇA, 2015, p. 81) considera como finalidade da revisão bibliográfica primeiramente a integração do pesquisador ao tema proposto, “fornecendo a ele conhecimentos mais aprofundados sobre o trabalho a ser realizado e possibilitando a reflexão sobre o tema relacionando-o com os resultados obtidos por outros autores”. Em segundo lugar, apresentar ao pesquisador “os sucessos e fracassos alcançados com temas semelhantes”; e por último, atualizá-lo com “as últimas discussões na área de pesquisa”. (FONTELLES apud PRAÇA, 2015, p. 81)

Marconi e Lakatos (2016), complementam essa ideia quando afirmam que a pesquisa bibliográfica

[...] abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação oral: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas”. (MARCONI; LAKATOS, 2016, p. 166).

Com toda essa variedade, as fontes bibliográficas podem nos fornecer uma gama de dados muito ampla. Fontes bibliográficas variadas exigem manipulação e procedimento distintos (MARCONI; LAKATOS, 2016), por conta disso, em nossa pesquisa, nos limitaremos a revisão de publicações, que segundo Marconi e Lakatos (2016, p. 166) “compreendem livros, teses, monografias, publicações avulsas, pesquisas, etc.[...]”

Desta maneira, Praça considera a revisão bibliográfica como um instrumento eficaz para apresentar ao pesquisador as mais recentes obras científicas que tratem do tema proposto. Mas para que seja realmente eficaz, se faz necessária a adoção de procedimento técnico para a localização, coleta e seleção de dados (2015, p. 81), “assim como definir os descritores que direcionem as buscas de materiais bibliográficos a serem realizadas. Estes descritores devem estar evidentes pelas palavras-chaves indicadas no trabalho”. (ROMANOWSK apud PRAÇA, 2015, p. 81)

Segura-Muñoz (apud GOMES; CAMINHA, 2014, p. 396) entende que

“A revisão de literatura (ou revisão narrativa) é sempre recomendada para o levantamento da produção científica disponível e para a (re)construção de redes de

pensamentos e conceitos, que articulam saberes de diversas fontes na tentativa de trilhar caminhos na direção daquilo que se deseja conhecer. No entanto, este método, de caráter descritivo-discursivo, não costuma apresentar características de reprodutibilidade e repetibilidade, tornando-se demasiadamente empírico, obscuro, e/ou inconclusivo na opinião de alguns pesquisadores.”

Dessa forma, as revisões sistemáticas foram desenvolvidas para preencher a lacuna deixada pelas revisões narrativas. Diretrizes baseadas em revisões sistemáticas tem se mostrado como procedimentos técnicos eficazes para tais fins. Através de método sistemático é que estudos primários a respeito do tema pretendido são coletados.

O método sistemático adotado em nosso trabalho será a Revisão Sistemática de Literatura, que aqui chamaremos de RSL. Segundo Galvão, Sawada e Trevisan (2004, p. 550), em 1995, a revisão sistemática foi definida por um grupo de cientistas alemães como sendo “a aplicação de estratégias científicas que limitem o viés de seleção de artigos, avaliem com espírito crítico os artigos e sintetizem todos os estudos relevantes em um tópico específico”. A revisão sistemática é, portanto, uma “síntese mais rigorosa sobre as informações disponíveis em um dado momento, sobre um problema específico de forma objetiva e reproduzível por meio de método científico”. (GALVÃO; SAWADA; TREVISAN, 2004, p. 550)

Medina e Pailaquilén afirmam que “Os pesquisadores precisam da Revisão Sistemática (RS) para resumir os dados existentes, refinar hipóteses, estimar tamanhos de amostra e ajudar a definir agendas de trabalho futuro considerados como seus sujeitos” (apud GOMES; CAMINHA, 2014, p. 397) Dessa forma a RSL se mostra um método útil para as ciências humanas para oferecer capacidade de síntese e novos direcionamentos (GOMES; CAMINHA, 2014, p. 398)

Para os autores ela se difere da pesquisa bibliográfica tradicional, por seguir um método rigoroso de busca e seleção das pesquisas; de avaliação da relevância e validade do material encontrado; bem como coleta, síntese e interpretação desses dados. (GALVÃO et al, 2004, p. 550)

Galvão et al entende que a RSL só é capaz de atingir seus objetivos porque se baseia em 4 princípios gerais: a exaustão na busca dos estudos analisados; a seleção justificada dos estudos por critérios de inclusão e exclusão explícitos; a avaliação da qualidade metodológica; e a quantificação do efeito dos tratamentos por meio de técnicas estatísticas. (2004, p. 550)

<b>Tabela I – Diferenças entre Revisão Narrativa e Revisão Sistemática</b>		
<b>Itens</b>	<b>Revisão Narrativa</b>	<b>Revisão Sistemática</b>
<b>Questão</b>	Ampla	Específica
<b>Fonte</b>	Frequentemente não especificada, potencialmente com viés	Fontes abrangentes, estratégia de busca explícita
<b>Seleção</b>	Frequentemente não especificada, potencialmente com viés	Seleção baseada em critérios aplicados uniformemente
<b>Avaliação</b>	Variável	Críteriosa e reproduzível
<b>Síntese</b>	Qualitativa	Quantitativa
<b>Inferências</b>	Às vezes baseada em resultados de pesquisa	Frequentemente baseada em resultados de pesquisa

*Tabela I Diferenças entre Revisão Narrativa e Revisão Sistemática (Adaptada de Cook, 1997, p. 378)*

Já Thorpe et al. (2005, p. 4) considera que os princípios básicos por trás da RSL são:

- (1) Transparência - Todas as pesquisas disponíveis são registradas. Deve-se descrever cada sequência da pesquisa e razões para que ela possa ser repetida.
- (2) Clareza - uma série clara e escalonada de pesquisas é apresentada, permitindo a qualquer leitor "trilha de auditoria" de como a revisão chegou a uma lista final de estudos.
- (3) Enfoque – relação entre a questão formulada e a identificação de evidências primárias sobre essa questão.
- (4) Unifica comunidades de pesquisa e praticantes - A metodologia de análise destina-se a informar as perspectivas políticas e dos praticantes, ao ressaltar as evidências e as formas das provas.
- (5) Igualdade - a revisão não faz distinção de princípio entre o tipo e revistas e outras publicações. Os estudos são revisados por seus próprios méritos e a metodologia indutiva e iterativa significa que o viés do revisor é evitado sempre que possível.
- (6) Acessibilidade - revisões são disponibilizadas para além da comunidade acadêmica na forma de relatórios e bancos de dados pesquisáveis.
- (7) Ampla Cobertura - Sequências sistemáticas e protocolos, aplicados em bases de dados eletrônicas permite uma amplitude na pesquisa.

Por esses motivos é que Cook (1997, p. 378) considera revisões sistemáticas como sendo essenciais para a comunidade acadêmica. O autor afirma que:

Os pesquisadores precisam de revisões sistemáticas para resumir os dados existentes, refinar hipóteses, estimar tamanhos de amostra e ajudar a definir agendas futuras de pesquisa. Sem revisões sistemáticas, os pesquisadores podem perder pistas promissoras ou embarcar em estudos de perguntas que já foram respondidas.

Como mencionado anteriormente, a revisão sistemática é um estudo secundário que com base em estudos primários pré-selecionados responde a uma questão claramente formulada. Portanto, nas revisões sistemáticas os estudos primários são considerados os sujeitos da investigação. Clarke entende que o que define o que são os estudos primários de uma investigação é a pergunta que se pretende responder. (apud Laboratório de Ensino a Distância

- LED-DIS – UNIFESP apud ULBRICHT et al, 2012, p. 98)

Para localizar esses estudos deve-se buscar em “bases indexadas; publicados e não indexados; os não publicados (mas que se tem conhecimento) e aqueles em andamento”. (ULBRICHT; OBREGAN; BRAGA; FLORES; 2012, p. 100)

Segundo Ulbricht et al. (2012, p. 100) a aplicação da RSL se dá em dez etapas. São elas:

1. Busca prévia; 2. Identificação e determinação das bases de dados de busca; 3. Identificação e determinação das palavras-chave; 4. Estabelecimento da estratégia de busca; 5. Seleção da amostra; 6. Determinação de critérios de exclusão; 7. Revisão sistemática de revisões sistemáticas já existentes; 8. Revisão sistemática propriamente dita; 9. Resultados – compilação e análise de dados; 10. Relatório de revisão sistemática.

Antes de passarmos para a execução das etapas da RSL devemos primeiro definir a pergunta que irá nos guiar durante a revisão, é ela que definirá “quais estudos serão incluídos, quais as estratégias adotadas para identificar os estudos e quais dados necessitam ser coletados de cada estudo identificado” (COUNSELL apud GALVÃO; SAWADA; TREVIZAN, 2004, p. 551). Essa etapa, pode ser considerada a mais importante dado o reflexo direto que a elaboração da pergunta tem no resultado da pesquisa (DICKSON apud GALVÃO; SAWADA; TREVIZAN, 2004, p. 551). Dickson afirma ainda que perguntas vagas podem enfraquecer a qualidade da revisão e o ideal seria formular uma pergunta específica. O autor exemplifica:

Por exemplo: O que podemos fazer para diminuir as injúrias dos idosos? Essa questão é muito ampla e não específica claramente o que se quer examinar. Assim, uma pergunta mais específica seria: Os exercícios físicos previnem quedas entre os idosos? Essa pergunta fornece uma intervenção (exercício físico), o grupo participante (idosos) e um resultado (prevenção de quedas). (apud GALVÃO; SAWADA; TREVIZAN, 2004, p. 551).

Castro (2001, p. 41) complementa quando afirma que além de específica, para definirmos uma pergunta, devemos nos questionar se esta é relevante; realista; se o assunto que ela abrange é amplo ou limitado; e se a revisão será com ou sem metanálise. Para o autor,

Na primeira indagação testa-se a capacidade daquela pergunta de responder situações clínicas relevantes. A segunda indagação verifica se a pergunta de pesquisa é passível de ser respondida. A resposta à terceira questão depende da quantidade de ensaios clínicos existentes na área. É importante ressaltar que a ausência de ensaios clínicos não é um fator limitante para a realização da revisão sistemática, pois ao contrário, pode revelar uma lacuna no conhecimento que precisa ser preenchida. Com a quarta e última indagação verifica-se a possibilidade da aplicação de método estatístico (metanálise) para fazer a síntese quantitativa. (CASTRO, 2001, p. 41).

Mesmo seguindo todos esses critérios, não raro o pesquisador pode perceber a necessidade de mudar a pergunta da revisão sistemática. Isso acontece porque, para que essa primeira pergunta seja formulada, o pesquisador precisa, geralmente, conhecer alguns estudos relevantes sobre o tema. Mas a medida que novas informações aparecem durante o processo, torna-se necessária a modificação da pergunta original.

Para documentação da reformulação da pergunta os seguintes itens devem ser esclarecidos (Clarke, 2001) e descritos na publicação da revisão sistemática: a) a motivação da mudança da pergunta; b) a mudança foi influenciada pelos resultados ou porque não se havia considerado alternativas para a definição dos participantes, intervenções ou desfechos clínicos de interesse?; c) a estratégia de busca é apropriada para a pergunta modificada?; d) a coleta de dados está adequada à pergunta modificada? (CLARKE apud CASTRO, 2001, p. 44).

Após estipulada a pergunta de pesquisa e feita uma busca prévia para a compreensão do estado atual das pesquisas sobre o tema, identificam-se e determinam-se as bases de dados mais relevantes para se realizar a busca (ULBRICHT; OBREGAN; BRAGA; FLORES; 2012, p. 104). Ao selecionar as bases eletrônicas de dados, deve-se considerar: quais são os periódicos listados nelas; quais publicações são indexadas; a viabilidade de acesso e a implicação de custos

A procura dos estudos na literatura é uma fase chave no processo de condução da revisão sistemática. A estratégia utilizada deve ser ampla e incluir material publicado e não publicado. A utilização de uma estratégia ampla de busca dos estudos consiste na procura em bases eletrônicas de dados, na busca manual em periódicos, as referências listadas nos estudos identificados, contato com os pesquisadores e o encontro de material não publicado. (GALVÃO; SAWADA; TREVIZAN, 2004, p. 551).

De La Torre Ugarte Ganilo et al. (2011, p. 1263) entende ainda que nas RSL quantitativas se recomenda ampliar ao máximo as fontes de busca, incluindo publicações governamentais, anais de congressos, teses ou estudos não indexados, além das bases de dados eletrônicas. Porém, nas revisões qualitativas é aconselhável selecionar somente as fontes imprescindíveis ou mais relacionadas à temática de estudo, além de ajustar e dimensionar a capacidade de análise do investigador à quantidade de artigos disponíveis sobre essa temática para garantir que o número elevado de artigos não dificulte o aprofundamento da análise e possa se tornar uma ameaça para a validação da RSL.

Passa-se então para a etapa de identificação e determinação das palavras-chaves, que é feita a partir da análise dos conceitos relacionados ao tema da pesquisa. Para Ulbricht et al.,

A determinação da estratégia de busca para o cruzamento das palavras chave de acordo com as possibilidades e limites de campos de cada base de dados ou mecanismo de busca permite selecionar a amostra, que determinará o total de registros identificados. A filtragem e exclusão de documentos que não têm relevância para a pesquisa e a inclusão daqueles que apresentam relações claras com a temática é realizada pela determinação de critérios de exclusão e inclusão. (2012, p. 105).

Identificados os estudos, é necessário classificá-los em categorias (Figura 2) e registrar um número para cada fonte, descartando-se aqueles que não preenchem os critérios de inclusão, e selecionando os que aparentemente atendem a esses critérios. Para Galvão et al. os critérios de inclusão devem refletir a pergunta elaborada para a revisão, incluindo participantes, a intervenção e os resultados de interesse. Ainda nessa etapa o revisor deve estabelecer os critérios de exclusão, que devem ser descritos de forma clara e registrados. (2004, p. 552)

Essa etapa da avaliação é feita por meio dos títulos e resumos de todos os estudos identificados, e em seguida avaliação do texto completo. A avaliação crítica desses estudos é importante para a detecção de semelhanças e diferenças entre eles (CASTRO, 2001)

Após a avaliação os textos que não se encaixarem nos critérios deverão ser excluídos, e incluídos todos aqueles que preenchem aos mesmos critérios. É imprescindível que nesta etapa se faça o registro de todo o material encontrado para a formação da base de dados (Figura 3). (ULBRICHT; OBREGAN; BRAGA; FLORES; 2012, p. 105) A coleta de dados deve incluir “[...] os dados específicos da pergunta inicial; o local onde a pesquisa foi realizada; a maneira exata como a intervenção foi executada; e os dados bibliográficos e resultados atuais” (GALVÃO; SAWADA; TREVIZAN, 2004, p. 553).

Ulbricht et al. considera ainda que seja importante realizar uma revisão sistemática de revisões sistemáticas previamente realizadas sobre o tema para evitar redundância na pesquisa. Só então dá-se início a revisão propriamente dita (2012, p. 106).

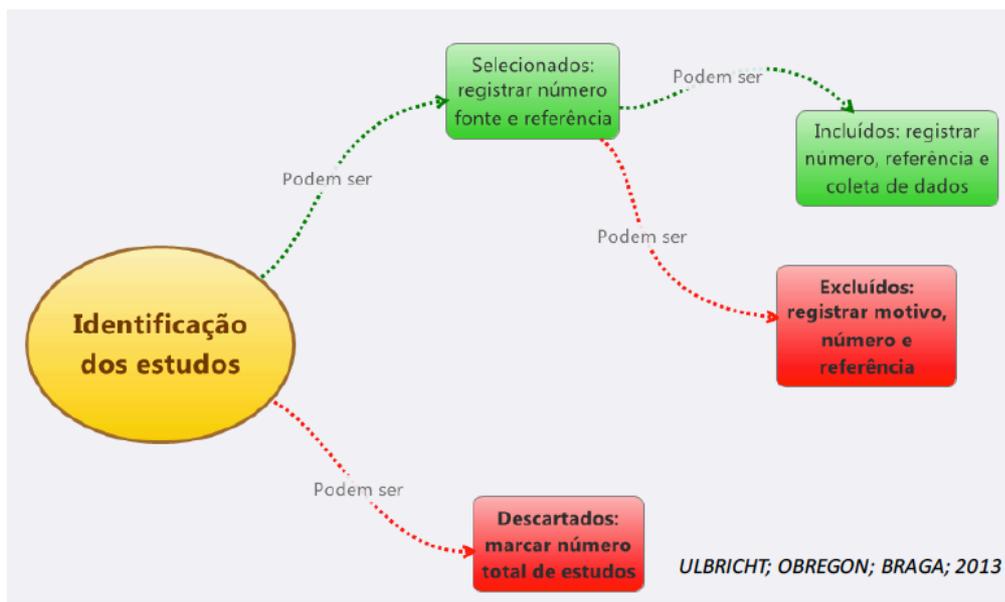


Figura 1 Mapa conceitual dos estudos identificados (ULBRICHT; OBREGAN; BRAGA; FLORES; 2012, p. 105)

BASES	Palavra-chave 1		Palavra-chave 2		Palavra-chave 3		Palavra-chave 4
EBSCO	305	E	36	E	1	E	0
ACM	1177		61		20		0
IEEE	1232		299		107		6
ScienceDirect	147		11		3		0
SCOPUS	2233		365		178		4
SpringerLink	481		102		50		0
Resultado	5575		874		359		10

Figura 2 Planilha para registro dos dados obtidos (ULBRICHT; OBREGAN; BRAGA; FLORES; 2012, P. 105)

A etapa seguinte, de síntese dos dados coletados, corresponde a RSL em si. A síntese dos dados nos fornece uma estimativa da eficácia da intervenção investigada. Essa síntese pode ser realizada por meio de análise descritiva/qualitativa, quando os dados coletados são sintetizados, mas não estatisticamente combinados, ou por meio de metanálise (revisão quantitativa) quando métodos estatísticos são utilizados para combinar os resultados dos estudos selecionados (GALVÃO; SAWADA; TREVIZAN, 2004, p. 553). Porém a metanálise só é realizada caso os estudos passem na avaliação de qualidade. “A avaliação da qualidade dos estudos é a detecção de suas semelhanças e diferenças” (CASTRO, 2001, p. 82). Ela é

fundamental para identificar os estudos que podem ser agrupados para a metanálise a partir do momento que determina se estes estudos possuem amostra, intervenção e desfechos homogêneos (CASTRO, 2001, p. 82).

Devemos optar pela metanálise quando

[...] resultados de vários estudos discordam quanto à magnitude ou à direção do efeito, quando os tamanhos amostrais são individualmente pequenos para detectar um efeito e classificar como estatisticamente significativo um trabalho, e quando ensaios para avaliar um determinado assunto são caros ou demandam longo tempo para serem realizados (GALVÃO; SAWADA; TREVIZAN, 2004, p. 553).

Quando os estudos coletados não atenderem a estes critérios devemos optar pela análise qualitativa, que pode ser realizada na forma narrativa, respeitando-se apenas os critérios adotados a priori no protocolo da RSL, para evitar vieses (GALVÃO; SAWADA; TREVIZAN, 2004, p. 553).

As abordagens qualitativas das RS permitem ao pesquisador entender ou interpretar questões sociais, emocionais, culturais, comportamentos, interações ou vivências que acontecem no âmbito do cuidado em saúde ou na sociedade, a partir da ocorrência de um fenômeno, além de subsidiar a proposição de novas teorias. (DE-LA-TORRE-UGARTE-GANILO; TAKAHASHI; BERTOLOZZI, 2011, p. 1262)

Contudo, para ter validade, alguns pontos devem ser assegurados pela revisão sistemática qualitativa

Na RS qualitativa, os procedimentos devem assegurar a validade descritiva, interpretativa, teórica e pragmática. A validade descritiva refere-se à identificação de estudos relevantes por meio de todos os meios acessíveis de busca. A validade interpretativa compreende o reconhecimento da correspondência entre os dados registrados pelo revisor e sua interpretação como conteúdo do estudo. A validade teórica diz respeito à credibilidade dos métodos desenvolvidos para atingir a síntese das EC [evidências científicas] que o revisor forneceu. A validade pragmática refere-se à utilidade, aplicabilidade e transferência do conhecimento gerado para a prática. (DE-LA-TORRE-UGARTE-GANILO; TAKAHASHI; BERTOLOZZI, 2011, p. 1263)

Como mencionado anteriormente, a avaliação de qualidade detecta semelhanças e diferenças entre os estudos selecionados. Essa avaliação se baseia nos dados coletados em quatro seções (método, participantes, intervenção e desfecho). Os estudos selecionados nessa etapa passam então pela fase de validação externa, que é avaliada pelo conhecimento da situação ligada ao tema selecionado para a revisão, e, posteriormente, pela etapa de validação interna, que é verificada pelo conhecimento do método científico. (CASTRO, 2001, p. 83)

Uma vez estabelecido que faz sentido executar a metanálise, os estudos podem ser agrupados. Como regra geral, pelo menos duas metanálises são produzidas: a primeira com todos os estudos classificados como A e outra com os estudos classificados como B, de acordo com o sigilo da alocação. Estas duas metanálises podem ser apresentadas em um mesmo gráfico (Figura 4), no qual os estudos A são agrupados sendo calculado um subtotal para eles, assim como o mesmo é feito para os estudos B com seu subtotal. Ao final tem-se um total dos dois grupos de estudos. (CASTRO, 2001, p. 840).

Total number of included studies: 9				
<b>01 All studies</b>				
01 mortality	7	901	Peto OR [95% CI]	0.69 [0.32,1.49]
02 overall dehiscence	9	1233	Peto OR [95% CI]	0.99 [0.71,1.40]
03 clinical dehiscence	10	1233	Peto OR [95% CI]	0.80 [0.51,1.24]
04 radiological dehiscence	6	835	Peto OR [95% CI]	1.10 [0.66,1.85]
05 stricture	7	996	Peto OR [95% CI]	3.59 [2.02,6.35]
✓ 06 hemorrhage	4	662	Peto OR [95% CI]	1.78 [0.84,3.81]
07 reoperation	3	544	Peto OR [95% CI]	1.94 [0.95,3.98]
08 wound infection	6	568	Peto OR [95% CI]	1.43 [0.67,3.04]
09 anastomosis duration	1	159	WMD [Fixed] [95% CI]	-7.60 [-12.92,-2.28]
10 hospital stay	1	159	WMD [Fixed] [95% CI]	2.00 [-3.27,7.27]
<b>02 Studies with adequation allocation concealment</b>				
01 mortality	6	788	Peto OR [95% CI]	0.50 [0.21,1.20]
02 overall dehiscence	7	1060	Peto OR [95% CI]	0.99 [0.68,1.43]
03 clinical dehiscence	7	1051	Peto OR [95% CI]	0.71 [0.44,1.14]
04 radiological dehiscence	4	662	Peto OR [95% CI]	1.03 [0.59,1.81]
05 stricture	5	826	Peto OR [95% CI]	3.86 [2.03,7.36]
06 hemorrhage	4	662	Peto OR [95% CI]	1.78 [0.84,3.81]
07 reoperation	3	544	Peto OR [95% CI]	1.94 [0.95,3.98]
08 wound infection	5	508	Peto OR [95% CI]	1.21 [0.49,2.95]
09 anastomosis duration	1	159	WMD [Fixed] [95% CI]	-7.60 [-12.92,-2.28]
10 hospital stay	1	159	WMD [Fixed] [95% CI]	2.00 [-3.27,7.27]

Figura 3 Exemplo de metanálise que agrupou estudos A e B (CASTRO, 2001, p. 84)

Nos casos em que temos RSL qualitativa há uma maior diversidade de metodologias que podem sintetizar os dados coletados. E apesar de possuírem características distintas, essas metodologias podem ser utilizadas de forma complementar.

Há aquelas que priorizam a construção ou explicação de teorias, denominadas de Meta-estudo; as que têm por prioridade descrever um estudo predeterminado, chamadas de Metassíntese (DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO et al, 2011), onde “o produto final [...] é sempre uma integração dos resultados da pesquisa, em oposição a uma comparação ou crítica deles” (SANDELOWSKI; BARROSO, 2007, p. 199).

Temos ainda a Meta-agregação, com foco na praticidade e usabilidade das descobertas do autor principal e não procura reinterpretar essas descobertas, além de buscar possibilitar recomendações para orientar profissionais e formuladores de políticas. Em contraste a abordagem meta-agregativa, temos a Meta-etnografia ou a abordagem interpretativa crítica que têm foco na reinterpretação e geração de teorias em vez de agregação. E por último as sínteses

narrativa e temática: a primeira que ao reúne diferentes tipos de evidências de pesquisa (por exemplo, qualitativa, quantitativa, econômica); e a segunda que é útil para tirar conclusões baseadas em elementos comuns em estudos heterogêneos. (Joanna Briggs Institute, 2014).

Finalizada a etapa de análise dos dados, passa-se então para a penúltima etapa da RSL que é a apresentação dos resultados. Essa fase é dividida em três partes: descrição dos estudos; qualidade dos estudos; e resultado das variáveis.

As duas primeiras partes são descritivas, e a terceira é quantitativa e só ocorre quando há metanálise. É nessa etapa da apresentação dos resultados que os dados estatísticos relevantes do estudo devem ser apresentados (CASTRO, 2001, p. 89).

Por último, temos a interpretação dos dados analisados, que consiste na descrição detalhada desses resultados. Essa etapa é importante “para verificar se as conclusões dos revisores estão apoiadas pelos resultados encontrados” (CASTRO, 2001, p. 89). Ela deve ser feita levando-se em conta a questão que norteou o estudo, para que ao final o estudo tenha respondido o questionamento que se propôs. Deve ainda apresentar em sua redação o desenrolar de todas as etapas da RSL, de modo que não apenas o resultado fique claro para o leitor, mas também a forma como o estudo foi construído. (GOMES; CAMINHA, 2014, p. 404)

### 3. REVISÃO SISTEMÁTICA: RESULTADOS

A motivação para a realização desta pesquisa perpassa a compreensão do que se entende por Design Anthropology (DA) e a sua relevância para o campo do Design. Para isso, era necessário investigarmos quais autores investigam o DA; sua origem; seus fundamentos; e por último os desdobramentos do DA (caso existissem) no campo do Design.

Como mostrado no capítulo anterior, várias são as formas pelas quais se constrói conhecimento, dentre elas, temos a pesquisa científica e suas diversas técnicas. Decidimos seguir em nossa pesquisa uma abordagem qualitativa, com objetivos exploratórios, a partir de procedimentos bibliográficos (SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 31- 42).

Para Gil a pesquisa bibliográfica “permite que o pesquisador obtenha informação de uma ampla gama de fenômenos. ‘Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muitos dispersos pelo espaço’” (apud BUSARELLO, 2011, p. 82).

Com base nessas questões, a pergunta norteadora que nossa pesquisa pretende responder é “o que é e como se estabelece o Design Anthropology no campo do Design?” Como escopo, foi estipulada a busca nas principais bases de dados indicadas pelo portal CAPES, bem como no mecanismo de busca do Google, nas áreas multidisciplinar, de ciências sociais aplicadas e ciências humanas; do tipo texto completo, teses e dissertações; e obras de referência; em portais nacionais e internacionais.

A busca se ateve a documentos que apresentaram ligação clara e direta com o DA, teoria e prática do DA, relação design e antropologia. Os idiomas de pesquisa foram inglês e português, e o período pesquisado abrangeu do ano de 2011 a 2018. Essa escolha se deu com base na pesquisa preliminar que apontou o ano no qual pela primeira vez o termo Design Anthropology foi utilizado.

Existe um corpo interdisciplinar emergente de literatura sobre design e antropologia que enfoca as relações entre pessoas e objetos, produção e uso. Mais notavelmente, Clarke (2011) editou o volume *Design Anthropology: Object Culture no século XXI* e Gunn e Donovan (2012) editou o volume *Design and Anthropology* para lidar com o design e o impacto que isso teve na compreensão dos objetos e produtos, sua criação e uso. (OTTO; SMITH, 2013, p. 9)

A pesquisa foi limitada a busca eletrônica, em bases de acesso aberto, e não contemplou catálogos físicos em bibliotecas. Devido ao grande número de documentos nas bases de pesquisa a busca foi delimitada pela utilização de palavras-chave referentes ao DA nos campos

‘título’ e ‘assunto’. As combinações de palavras-chave utilizadas que tiveram em sua gênese: *design anthropology, theory, practice, research, knowledge, field, methodology, participatory, correspondence practices*. A busca sistematizada para construção teórica da pesquisa está detalhada na Tabela 2.

PESQUISA	COMBINAÇÕES DE PALAVRAS-CHAVE PARA CONSTRUÇÃO TEÓRICA DA PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA	QUANTIDADE DE ARTIGOS ENCONTRADOS
<b>SCIELO</b>		
01	Design + anthropology + theory + practice	00
02	Design + anthropology + theory	01
03	Design + anthropology + research + methodology	03
04	Design + anthropology + participatory	01
05	Design + anthropology + correspondence practices	00
06	Design + anthropology + research + field	04
07	Design + anthropology + knowledge + field	02
08	Design + anthropology	03
<b>OATD (Open Access Thesis and Dissertations)</b>		
01	Design + anthropology + theory + practice	00
02	Design + anthropology + theory	01
03	Design + anthropology + research + methodology	00
04	Design + anthropology + participatory	00
05	Design + anthropology + correspondence practices	00
06	Design + anthropology + research + field	00
07	Design + anthropology + knowledge + field	00
08	Design + anthropology	14
<b>DOAJ (Directory of Open Access Journals)</b>		
01	Design + anthropology + theory + practice	00
02	Design + anthropology + theory	00
03	Design + anthropology + research + methodology	00
04	Design + anthropology + participatory	04
05	Design + anthropology + correspondence practices	00
06	Design + anthropology + research + field	00
07	Design + anthropology + knowledge + field	00
08	Design + anthropology	10
<b>CAPES Periódicos</b>		
01	Design + anthropology + theory + practice	06
02	Design + anthropology + theory	07
03	Design + anthropology + research + methodology	01
04	Design + anthropology + participatory	03
05	Design + anthropology + correspondence practices	00
06	Design + anthropology + research + field	00
07	Design + anthropology + knowledge + field	00

08	Design + anthropology	107
<b>GOOGLE SCHOLAR</b>		
01	Design + anthropology + theory + practice	395
02	Design + anthropology + theory	397
03	Design + anthropology + research + methodology	00
04	Design + anthropology + participatory	21
05	Design + anthropology + correspondence practices	00
06	Design + anthropology + research + field	00
07	Design + anthropology + knowledge + field	00
08	Design + anthropology	1650

Tabela 2 Combinação de palavras-chave para construção teórica da problematização da pesquisa.

Antes da revisão sistemática propriamente dita, foi realizada revisão sistemática das revisões sistemáticas já existentes. Não foram encontradas revisões sobre Design Anthropology, o que serviu para justificar a realização deste trabalho. Deu-se início então a revisão sistemática em si.

Dos mais de 2200 materiais encontrados, apenas 21 abordavam questões relacionadas ao DA. Os critérios de seleção, desenvolvido com base na pergunta guia para esta pesquisa, tinha como escopo artigos, livros e ensaios que tratassem do DA, de suas bases teóricas, e da construção da relação entre design e antropologia. As pesquisas selecionadas podem ser vistas na Tabela 3 a seguir.

RESULTADOS SELECIONADOS		
Nº	BASE DE DADOS	REFERÊNCIA
01	CAPES	WASSON, Christina. Design Anthropology. <i>General Anthropology</i> , v. 23, n. 2, p. 1-11, 2016.
02	CAPES	PINK, Sarah. Digital–visual–sensory–design anthropology: Ethnography, imagination and intervention. <i>Arts and Humanities in Higher education</i> , v. 13, n. 4, p. 412-427, 2014.
03	CAPES	GUNN, Wendy; LØGSTRUP, Louise B. Participant observation, anthropology methodology and design anthropology research inquiry. <i>Arts and Humanities in Higher Education</i> , v. 13, n. 4, p. 428-442, 2014.
04	DOAJ	STUEDAHL, Dagny. <i>Future Orientation and Learning in Design Anthropology and Participatory Design</i> . 2015.
05	CAPES	MURPHY, Keith M. Design and anthropology. <i>Annual Review of Anthropology</i> , v. 45, p. 433-449, 2016.
06	CAPES	GUNN, Wendy; OTTO, Ton; SMITH, Rachel Charlotte (eds). <i>Design anthropology: theory and practice</i> . London, New York: Bloomsbury, 2013.
07	CAPES	CLARKE, Alison J. Design for development, ICSID and UNIDO: the anthropological turn in 1970s design. <i>Journal of Design History</i> , v. 29, n. 1, p. 43-57, 2015.
08	CAPES	BERGLUND, Eeva. <i>Design Anthropological Futures</i> . Edited by Rachel Charlotte Smith, Kasper Tang Vangkilde, Mette Gislev Kjaersgaard, Ton Otto, Joachim Halse, and Thomas Binder. 2017.

09	SCHOLAR	CLARKE, Alison J. Design anthropology: Object culture in the 21st century. Vienna: Springer, 2011.
10	SCHOLAR	GUNN, Wendy; DONOVAN, Jared (Ed.). Design and anthropology. Routledge, 2016.
11	SCHOLAR	DONOVAN, Jared; GUNN, Wendy. Design Anthropology: An Introduction. In: Design and Anthropology. Routledge, 2016. p. 17-32.
12	SCHOLAR	HALSE, Joachim. Design anthropology: Borderland experiments with participation. IT University of Copenhagen, 2008.
13	SCHOLAR	KJÆRSGAARD, M.; BOER, Laurens. The speculative and the mundane in practices of future-making-Exploring relations between design anthropology and critical design. In: Research Network for Design Anthropology, seminar. 2015.
14	SCHOLAR	ANASTASSAKIS, Zoy. Laboratório de Design e Antropologia: preâmbulos teóricos e práticos. Arcos Design, v. 7, n. 1, p. 178-193, 2013.
15	SCHOLAR	INGOLD, Timothy. Design Anthropology is not and cannot be Ethnography. In: Research Network for Design Anthropology, seminar. 2015.
16	SCHOLAR	ANASTASSAKIS, Zoy. Design e Antropologia: considerações teóricas e experimentações práticas em diálogo com a perspectiva do antropólogo Tim Ingold. P&D Design, v. 11, p. 1337-1347, 2014.
17	SCHOLAR	VENTURA, Jonathan; BICHARD, Jo-Anne. Design anthropology or anthropological design? Towards 'Social Design'. International Journal of Design Creativity and Innovation, v. 5, n. 3-4, p. 222-234, 2017.
18	SCHOLAR	SMITH, Rachel Charlotte; KJÆRSGAARD, Mette Gislev. Design Anthropology in Participatory Design. Interaction Design and Architecture (s) Journal-Ixd&a, v. 26, p. 73-80, 2015.
19	SCHOLAR	SMITH, Rachel Charlotte; OTTO, Ton. Scaffolding Possible Futures: Emergence and Intervention in Design Anthropology. Interventionist Speculations, The Research Network for Design Anthropology, Copenhagen, 2014.
20	SCHOLAR	MOTA, Cássia; SIRITO, Marina. Design em movimento: Repensando o Design através do encontro com as Ciências Sociais. Blucher Design Proceedings, v. 2, n. 9, p. 685-694, 2016.
21	SCHOLAR	PAES, Larisa; ANASTASSAKIS, Zoy. REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS COLABORATIVOS DE DESIGN. Blucher Design Proceedings, v. 2, n. 9, p. 936-946, 2016.

*Tabela 3 Resultados Selecionados*

Desses 21 foi efetuada a avaliação de título, resumo e corpo de texto para determinar quais seriam incluídos e quais seriam excluídos do estudo. Foram excluídas todas as pesquisas que não abordavam como tema principal o DA; que tinham como foco codesign, cocriação, design etnográfico, design participativo e/ou que fossem experimentos de aplicação do DA. Foram incluídas todas as pesquisas nacionais e internacionais, que tratassem das bases teóricas do DA e sua aplicação para o campo do design e/ou do intercâmbio entre os campos do design e da antropologia e vice-versa. As pesquisas excluídas e incluídas na revisão sistemática podem ser observadas nas tabelas 4 e 5, respectivamente, a seguir:

PESQUISAS EXCLUÍDAS		
Nº	REFERÊNCIA	JUSTIFICATIVA
01	PINK, Sarah. Digital–visual–sensory–design anthropology: Ethnography, imagination and intervention. <i>Arts and Humanities in Higher education</i> , v. 13, n. 4, p. 412-427, 2014.	Não estuda a relação do design e da antropologia por meio do Design Anthropology. Em vez disso, observa a relação de ambas as áreas por meio da antropologia visual e do design thinking.
02	CLARKE, Alison J. Design for development, ICSID and UNIDO: the anthropological turn in 1970s design. <i>Journal of Design History</i> , v. 29, n. 1, p. 43-57, 2015.	O artigo aborda apenas o contexto histórico do contato entre design e antropologia, contexto esse que pode ser encontrado nos demais textos sobre o tema, não acrescentando para a análise do tema por não abordar o principal critério de inclusão que seria abordar as bases teóricas do Design Anthropology.
03	GUNN, Wendy; DONOVAN, Jared (Ed.). <i>Design and anthropology</i> . Routledge, 2016.	Um dos critérios para inclusão era a possibilidade de acessar o material encontrado. Neste caso não tivemos acesso ao livro ou capítulo de livro para avaliarmos a validade dos dados apresentados para a nossa pesquisa.
04	WASSON, Christina. <i>Design Anthropology</i> . <i>General Anthropology</i> , v. 23, n. 2, p. 1-11, 2016.	O artigo não trata do design anthropology, apenas apresenta estudos de caso sobre a utilização dos métodos que envolvem o design anthropology para o desenvolvimento de veículos autônomos.
05	GUNN, Wendy; LØGSTRUP, Louise B. Participant observation, anthropology methodology and design anthropology research inquiry. <i>Arts and Humanities in Higher Education</i> , v. 13, n. 4, p. 428-442, 2014.	O artigo trata sobre processos de aprendizagem. No texto os autores não aprofundam o conceito de design anthropology, apenas mostram uma das formas pelas quais o conhecimento do subcampo podem/devem ser aplicados. Apesar da pesquisa não poder ser utilizada para a análise do tema, ela ainda pode ser utilizada como exemplo de contribuição do campo estudado.
06	STUEDAHL, Dagny. <i>Future Orientation and Learning in Design Anthropology and Participatory Design</i> . 2015.	O artigo trata das diferenças entre participatory design e design anthropology no que concernem a orientação para o futuro e aprendizagem e não das bases teóricas de ambos os temas. O que não nos impede de o utilizarmos como complemento ao tema abordado, mas não como base de nossa pesquisa.
07	BERGLUND, Eeva. <i>Design Anthropological Futures</i> . Edited by Rachel Charlotte Smith, Kasper Tang Vangkilde, Mette Gislev Kjaersgaard, Ton Otto, Joachim Halse, and Thomas Binder. 2017.	O livro é apresenta uma compilação de artigos sobre a aplicação dos conhecimentos de design anthropology e participatory design desde desenvolvimento de alternativas para problemas sociais como problemas de cunho comercial. Os artigos, no entanto, ainda podem ser utilizados como exemplificação das/dos possíveis contribuições/desdobramentos do subcampo pesquisado.
08	KJÆRSGAARD, M.; BOER, Laurens. The speculative and the mundane in practices of future-making-Exploring relations between design anthropology and critical design. In: <i>Research Network for Design Anthropology, seminar</i> . 2015.	O artigo foca em aprofundar o entendimento do que os autores denominam Critical Design e reflete sobre as relações de práticas de exploração do futuro que existem entre Critical Design e Design Anthropology.
09	ANASTASSAKIS, Zoy. Laboratório de Design e Antropologia: preâmbulos teóricos e práticos. <i>Arcos Design</i> , v. 7, n. 1, p. 178-193, 2013.	O artigo é um relato preliminar das primeiras experimentações realizadas pelo LaDA (Laboratório de Design e Antropologia) visando experimentar na prática um exercício de interdisciplinaridade entre os campos da antropologia e do design. O texto, não trata portanto, dos fundamentos do Design Anthropology, mas pode ser utilizado como complemento ao tema.
10	ANASTASSAKIS, Zoy. <i>Design e Antropologia: considerações teóricas e experimentações práticas em diálogo com a perspectiva do antropólogo Tim</i>	O artigo explora algumas possibilidades de leitura da antropologia de Tim Ingold à luz de sua aplicação ao ensino do design. Em seguida, se apresenta alguns experimentos realizados a partir do diálogo com esse autor, de forma conjugada entre ensino, pesquisa e extensão universitárias.

	Ingold. P&D Design, v. 11, p. 1337-1347, 2014.	Mas a própria autora deixa claro no texto que sua intenção ali não é tratar do design anthropology “Destarte, deve ficar claro que o que está em jogo aqui não é nem uma antropologia do design, nem um design antropológico, mas sim, o exercício de uma experimentação interdisciplinar que busca operar a partir de uma conjugação dialógica entre as duas disciplinas”.
11	VENTURA, Jonathan; BICHARD, Jo-Anne. Design anthropology or anthropological design? Towards ‘Social Design’. International Journal of Design Creativity and Innovation, v. 5, n. 3-4, p. 222-234, 2017.	O artigo apresenta as bases do que o autor denomina design social e o relaciona com o design anthropology. No mesmo artigo ele apresenta a aplicação do design social por meio de estudos de caso.
12	PAES, Larisa; ANASTASSAKIS, Zoy. REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS COLABORATIVOS DE DESIGN. Blucher Design Proceedings, v. 2, n. 9, p. 936-946, 2016.	O artigo apresenta de forma muito resumida quatro tipos de processos colaborativos em design (co-design, design participativo, design anthropology e design centrado na experiência do usuário). Não consideramos que o material apresentado tinha a profundidade necessária para o incluirmos na análise.
13	MOTA, Cássia; SIRITO, Marina. Design em movimento: Repensando o Design através do encontro com as Ciências Sociais. Blucher Design Proceedings, v.2, n.9, p. 685-694, 2016.	O artigo é uma revisão bibliográfica narrativa do que vem sendo produzido no DA, não fazendo parte, portanto, do escopo de autores que estudam e desenvolvem o que podem ser considerados os princípios/fundamentos na área. No entanto, o estudo pode contribuir como suporte a interpretação dos dados coletados pela RSL.
14	MURPHY, Keith M. Design and anthropology. Annual Review of Anthropology, v. 45, p. 433-449, 2016.	No seu texto o autor se atém a diferenciar antropologia de, antropologia para e design para. Elaborando melhor a primeira opção defendida por Suchman. O entendimento que buscamos porém é o de antropologia ‘por meio do’ design. O que não impede de utilizarmos a pesquisa como apoio ao restante da discussão.

Tabela 4 Pesquisas Excluídas da revisão sistemática.

PESQUISAS INCLUÍDAS			
Nº	BASE DE DADOS	ANO	TÍTULO: Design Anthropology
01	CAPES	2013	<b>TÍTULO:</b> Design Anthropology: Theory and practice. <b>AUTORES:</b> Editado por GUNN, Wendy; OTTO, Ton; SMITH, Rachel C. <b>RESUMO:</b> A antropologia do design é um campo emergente e é praticada de diferentes maneiras, dependendo do posicionamento metodológico. Práticas de design tentam fazer conexões (embora parciais) entre passado, presente e futuro. Idealmente, no presente você tem uma visão do passado para criar um futuro fora do cotidiano. Praticantes da antropologia do design seguem situações dinâmicas e relações sociais e estão preocupados com a forma como as pessoas percebem, criam e transformam seus ambientes através de suas atividades cotidianas. Essa visão desafia a ideia de que design e inovação se referem apenas à geração de coisas novas como sendo centrais para processos de mudança social e cultural. <b>REFERÊNCIA:</b> GUNN, Wendy; OTTO, Ton; SMITH, Rachel Charlotte (eds). Design anthropology: theory and practice. London, New York: Bloomsbury, 2013.
02	SCHOLAR	2011	<b>TÍTULO:</b> Design Anthropology: Object culture in the 21 <sup>st</sup> Century. <b>AUTORES:</b> CLARKE, Alison J. <b>RESUMO:</b> O que torna um produto icônico? Como a IKEA realmente conquistou o mercado de móveis domésticos da Suécia para a China? Por que os inovadores de design gastam mais tempo observando os consumidores do que fazendo coisas novas? Design Antropologia mapeia a mudança radical para "o usuário" que transformou nossa cultura de objetos contemporânea. Apresentando os principais pensadores de design, a Design Anthropology oferece uma visão

			provocativa de como diferentes grupos, de urbanos do sul de Londres a aborígenes australianos, usam objetos projetados para dar sentido a sua vida cotidiana. À medida que as corporações de design "se tornam nativas", elas agora olham para nós - nossos lares, nossos mundos espirituais e nossos rituais íntimos, como inspiração. Design Anthropology é uma leitura obrigatória para todos em design, indústrias criativas, sociologia, antropologia, marketing e estudos culturais - e para qualquer pessoa interessada no que realmente está em jogo em nosso mundo material.
			<b>REFERÊNCIA:</b> CLARKE, Alison J. Design anthropology: Object culture in the 21st century. Vienna: Springer, 2011.
03	SCHOLAR	2016	<b>TÍTULO:</b> Design Anthropology: an introduction
			<b>AUTORES:</b> DONOVAN, Jared; GUNN, Wendy
			<b>RESUMO:</b> Design Anthropology é um campo emergente e consiste em múltiplas práticas. Em termos de educação universitária, o contexto institucional promove diferentes abordagens para o ensino da antropologia do design. Na SPIRE, trabalhamos juntos como parte de uma equipe de pesquisa colaborativa envolvendo pesquisadores com formação em antropologia, design, engenharia, linguagem e comunicação, estudos de negócios e inovação. As práticas do Design Anthropology dentro desse contexto visam instigar formas diferentes de projetar em diferentes escalas e locais.
			<b>REFERÊNCIA:</b> DONOVAN, Jared; GUNN, Wendy. Design Anthropology: An Introduction. In: Design and Anthropology. Routledge, 2016. p. 17-32.
04	SCHOLAR	2008	<b>TÍTULO:</b> Design Anthropology: Borderland experiments with participation.
			<b>AUTORES:</b> HALSE, Joachim
			<b>RESUMO:</b> Antropologia e design exploratório estão convergindo em alguns aspectos. Esta dissertação discute o emprego difundido de técnicas etnográficas para entrevistas e observação em um número crescente de campos de design, tais como design de interação, design de sistemas de TI e desenvolvimento de produtos, bem como no programa mais amplo de inovação orientada ao usuário. O problema central é que o desafio do emprego é articulado como um abismo a ser preenchido entre as observações e as intervenções. A distinção entre práticas descritivas (de etnógrafos) e práticas prescritivas (de projetistas) é, no entanto, tanto improdutiva em termos de resultados de design quanto baseada na falsa suposição de que há um caminho claro a seguir de uma observação interessante para uma interessante sugestão de design. Com base em três projetos de pesquisa e design dentro do campo do design participativo, esta dissertação apresenta elementos de uma antropologia do design - uma abordagem híbrida que combina insights e práticas do design e da antropologia. Recorrendo à antropologia pós-moderna e ao reconhecimento de representações etnográficas como recriações culturais, contesto a oposição obsoleta de observações e intervenções. O desafio coletivo, sugiro, é articular possíveis realidades alternativas desde o início de uma investigação de campo. É o que a dissertação pretende fazer através de uma série de diversos contatos empíricos: com técnicos de serviço que improvisam alternativas possíveis para suas práticas de trabalho no chão-de-fábrica; com enfermeiras de emergência que jogam jogos de tabuleiro metafóricos e manipulam realidades virtuais; e com desenvolvedores de software que confrontam e geram seu design imitando a prática de seus usuários. Para estabelecer e analisar esses encontros, eu uso noções de desempenho das artes performáticas e do pós-estruturalismo. A dissertação oferece sugestões para a realização de trabalhos colaborativos de design, bem como conceitos para abordar o caráter efêmero dessas idéias de projeto que estão além do ponto em que podem ser totalmente articuladas por qualquer participante, mas dentro do horizonte da imaginação coletiva.
			<b>REFERÊNCIA:</b> HALSE, Joachim. Design anthropology: Borderland experiments with participation. IT University of Copenhagen, 2008.
05	SCHOLAR	2015	<b>TÍTULO:</b> Design Anthropology in Participatory Design
			<b>AUTORES:</b> SMITH, Rachel C.; KJAERGAARD, Mette G.
			<b>RESUMO:</b> Esta seção de foco explora as oportunidades da antropologia do design no design participativo como uma abordagem de pesquisa e design em um

			<p>mundo cada vez mais global e digital. Tradicionalmente, a etnografia tem sido usada no Design participativo para pesquisar contextos e desafios da vida real e como formas de envolver as pessoas na definição das necessidades do usuário e nas oportunidades de design. À medida que as fronteiras entre os diversos materiais, espaços digitais e em rede - e experiências tornam-se cada vez mais nítidas, o mesmo acontece com as distinções convencionais entre pesquisa e design. Os artigos apresentados nesta seção de foco exploram as oportunidades de usar a antropologia do design como uma abordagem holística e crítica para abordar desafios e mudanças sociais e uma maneira de antropólogos e designers se engajarem em pesquisa e design participativos que se estendam além do empírico.</p>
			<p><b>REFERÊNCIA:</b> SMITH, Rachel Charlotte; KJÆRSGAARD, Mette Gislev. Design Anthropology in Participatory Design. <i>Interaction Design and Architecture (s) Journal-Ixd&amp;a</i>, v. 26, p. 73-80, 2015.</p>
06	SCHOLAR	2014	<p><b>TÍTULO:</b> Scaffolding Possible Futures: Emergence and Intervention in Design Anthropology.</p>
			<p><b>AUTORES:</b> SMITH, Rachel Charlotte; OTTO, Ton.</p>
			<p><b>RESUMO:</b> A antropologia do design está emergindo como um campo acadêmico de estudo e prática entre antropologia e design. Embora seu potencial esteja na interseção entre os dois campos, os desafios de como intervir como pesquisadores antropológicos nesse campo ainda são altamente inexplorados. Muitas vezes, o foco permanece em métodos etnográficos ou colaborativos para a compreensão de práticas culturais, enquanto menos atenção acadêmica é dada às maneiras pelas quais os antropólogos se envolvem com os desafios complexos de formas culturais emergentes e com a definição de direções para futuros possíveis.</p>
			<p><b>REFERÊNCIA:</b> SMITH, Rachel Charlotte; OTTO, Ton. Scaffolding Possible Futures: Emergence and Intervention in Design Anthropology. <i>Interventionist Speculations</i>, The Research Network for Design Anthropology, Copenhagen, 2014.</p>
07	SCHOLAR	2016	<p><b>TÍTULO:</b> Design em movimento: Repensando o design através do encontro com as ciências sociais.</p>
			<p><b>AUTORAS:</b> MOTTA, Cássia; SIRITO, Marina</p>
			<p><b>RESUMO:</b> O artigo busca debater sobre as questões recentes relativas ao desenvolvimento do campo do design através das contribuições das ciências sociais, especialmente de um campo denominado <i>Design Anthropology</i>. Iniciaremos a discussão sobre a abertura que o próprio campo do design fez às interações com outros campos da ciência, além das ciências exatas, entendendo essas interações como movimentos feitos pelo campo para sua reformulação, resignificando o papel do designer, tanto na academia quanto na atividade profissional. Posteriormente, esclareceremos as definições e principais questões debatidas no campo do <i>Design Anthropology</i>. Por fim, exibiremos as principais questões das pesquisas levadas por integrantes do Laboratório de Design e Antropologia (LaDA) da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).</p>
			<p><b>REFERÊNCIA:</b> MOTA, Cássia; SIRITO, Marina. DESIGN EM MOVIMENTO: REPENSANDO O DESIGN ATRAVÉS DO ENCONTRO COM AS CIÊNCIAS SOCIAIS. <i>Blucher Design Proceedings</i>, v. 2, n. 9, p. 685-694, 2016.</p>

Tabela 5 Pesquisas Incluídas na revisão sistemática.

A partir desses dados foi possível identificar o contexto histórico no qual ocorreu a aproximação dos campos do design e da antropologia, até o surgimento do DA propriamente dito, e a partir daí entender o que é o DA, identificar suas bases teóricas, e contribuições para o campo do design (Tabela 6), como observaremos no capítulo que se segue.

Síntese dos dados coletados					
Autores	Objetivo	Bases	Descritores	Crítérios de Inclusão	Resultado
Gunn, Otto, Smith, Clarke, Donovan, Halse, Kjaersgaard	Compreender o que é o DA e como pode contribuir para o campo do design	Scielo, OATD, DOAJ, CAPES periódicos, Google Scholar	Design anthropology, theory, practice, participatory, research, knowledge, field	Pesquisas nacionais e internacionais, em inglês e português, que tratassem das bases teóricas do DA e sua aplicação para o campo do design e/ou do intercâmbio entre os campos do design e da antropologia	Os estudos apontam o DA como um subcampo do conhecimento que surge do intercâmbio entre os campos do design e da antropologia, e demonstram que o subcampo contribui para o campo do Design por oferecerem entendimento sócio-cultural profundo do universo dos atores envolvidos e opera como um mediador entre esses mundos

Tabela 6 Síntese dos dados coletados na RSL

#### 4. ENTRE DESIGN E ANTROPOLOGIA: O PRINCÍPIO DE TUDO

Para entendermos o caminho que o design, como campo do conhecimento, percorreu para que hoje o Design Anthropology esteja se desenvolvendo como subcampo do conhecimento, precisamos primeiro entender a origem da aproximação entre design e antropologia, como se deu essa aproximação e por quais motivos.

Otto e Smith (2013, p.1) descrevem design como um processo de pensamento e planejamento que é percebido como uma capacidade humana universal que varia da forma como é executada de acordo com as diferentes sociedades e culturas. Os autores, corroboram com a ideia de Nelson e Stolterman (apud OTTO; SMITH, 2013, p.1) de que projetar é conceber uma ideia e “dar forma, estrutura e função a essa ideia”, antes de a executar no mundo.

No fim do século 19 e início do século 20, com o desenvolvimento dos sistemas fabris na Europa e nos Estados Unidos e o aumento da oferta de bens de consumo, houve a necessidade de adaptar o processo projetual às exigências da indústria o que, de acordo com Panizza (2004), acarretou na adoção de métodos e processos por partes dos profissionais envolvidos. “Com um pensamento bastante lógico, sistemático e racional, esses profissionais pretendiam reduzir formas e sistemas complexos” (PANIZZA, 2004, p. 81).

Esse processo, no entanto, teria resultado na perda da qualidade e atributo estético dos produtos. Então, profissionais das áreas de arquitetura, das artes e engenharias, passaram a trabalhar juntos com o intuito de melhorar a configuração das mercadorias oferecidas ao público consumidor, e ir além, reconfigurando o mundo com conforto e bem-estar para todos. Foi quando se popularizou o mote “a forma segue a função”. Essa visão perdurou por muitos anos, até que a partir da década de 60 começou a ser questionada. (CARDOSO, 2012, p. 15)

Para Cardoso (2012, p. 17) além do paradigma da era industrial de produzir tudo em larga escala e igual para todos, outro motivo que fez com o mote perdurasse por tanto tempo, é que até aquele momento poucas pessoas pensavam em responsabilidade social.

“Mais adiante, com o crescimento de uma sociedade pós-moderna, o enfoque dos profissionais passou do rigor exigido por métodos projetuais extremamente racionalistas para uma liberdade quase total” (PANIZZA, 2004, p. 81).

Nesse contexto, teve papel fundamental o designer austríaco Victor Papanek, que publicava o livro “Design for a real world”, onde “apontava para a antropologia como um antídoto para a condição alienada da qual toda uma geração de designers desiludidos sentia estar aprisionada” (CLARKE apud ANASTASSAKIS, 2014, p. 4) e estimulava “[...] os

designers a sair do ar condicionado de seus escritórios envidraçados e olhar à sua volta, projetando soluções para o mundo real [...]”(PAPANЕК apud CARDOSO, 2012, p. 18).

Como resultado, designers do início a meados do século vinte e pesquisadores começaram a questionar-se sobre os processos através dos quais os projetos se desenvolviam. Burdek (2006), em seu livro ‘Design: história, teoria e prática do design de produto’ trata dos conceitos e papéis historicamente atrelados ao design, e entende que na busca por solucionar problemas, o designer acaba colocando-se como detentor da solução; posicionando-se como quem observa o problema de fora e não de dentro, e ignorando a complexidade dos problemas e o papel dos usuários nesse processo. Em um artigo publicado por Nigel Cross em 1971, ele anuncia a “chegada do homem comum”, com isso pretendia mostrar aos designers os modos pelos quais “[...]o design surge tanto do envolvimento e da participação de não-designers quanto da busca de soluções profissionais para os problemas da sociedade.” (CROSS Apud BINDER et al, 2015, p. 6)

Neste sentido afirma Papanek que a própria antropologia seria a solução para a “[...] inconsciência quanto às responsabilidades morais e sociais envolvidas na prática profissional” (apud ANASTASSAKIS, 2014, p. 4). Deste modo o design adquire um senso mais profundo em relação ao seu papel junto à sociedade e à cultura. A Antropologia desperta, então, maior interesse entre os designers; o que se desdobra em um intercâmbio entre ambas as áreas. (OTTO, SMITH, 2013)

Para Patrocínio (2015), apesar de defender a ideia de se fazer design para as necessidades das pessoas e não para os seus desejos, Papanek excluía o “usuário” do processo, sendo o designer o responsável por determinar quais seriam as necessidades deste “usuário”.

Em 1973, Bonsiepe, já fazia críticas a abordagem de se fazer design *para* e não *fazer com* os países periféricos (PATROCÍNIO, 2015, p. 62). Ainda que intervencionista, o modelo de desenvolvimento vislumbrado por Bonsiepe, era comprometido com mudanças sociais, tinha uma abordagem colaborativa e pretendia desenvolver conhecimento e promover a transferência de tecnologias para o coparticipante. (PATROCÍNIO, 2015, p. 59)

Entretanto, com o passar dos anos, como pondera Bonsiepe (2012), “O profissional de design adquiriu mais importância do que o próprio design. Esse voltar-se do design sobre si mesmo é impulsionado pela expansão da dimensão simbólica do design.”. Rafael Cardoso (2012) percebe esse posicionamento por parte dos designers como sendo relativo a uma atitude projetiva superficial, consequência de um trabalho feito de forma isolada/deslocada, no qual o designer não se insere no meio, mas se coloca como o centro no processo de projetar.

Como, então, minimizar as discrepâncias projetuais construídas nos discursos relacionados ao papel do design e do designer?

Em 2008, Bruno Latour propõe que profissionais e estudiosos do design devam reassumir uma postura engajada frente aos desafios da manutenção da vida no mundo e sublinha que o aparato conceitual do design tem muito a contribuir para a reconfiguração dos modos de vida assumindo o papel de meio para o que denomina “drawing things together” (apud ANASTASSAKIS, 2014, p 3).

Raquel Noronha (2012), no seu artigo ‘Do centro ao meio: um novo lugar para o designer’, sugere que os valores agregados da antropologia - interpretar os significados culturais das coisas, investigar o passado para entender o presente e a inclusão dos valores dos sujeitos envolvidos na pesquisa - na pesquisa e desenvolvimento de projeto em design não só colocam o designer como co-autor, mas também incluem os indivíduos como atores principais nesse processo, o que permite gerar alternativas reais e mais acertadas no ato de projetar. Para Noronha e Portela,

O designer deve inserir-se no campo de ação e buscar, através da vivência no meio, referências que sirvam de bases conceituais para o seu projeto, para posteriormente traduzir esses conceitos em representação visual. Através da percepção do outro, busca-se identificar que elementos são constituintes da vida social e sobre os quais se estabelecem as relações de significação em determinado grupo, ou qualquer outro recorte estabelecido para o mapeamento. (NORONHA; PORTELA, 2014, p.4).

Clarke aponta que a partir da sensibilização em direção a aspectos culturais construída da aproximação do design com as teorias e abordagens oriundas da antropologia é que, nós designers, nos damos conta de nossa responsabilidade social. Essa aproximação é responsável por consideráveis transformações na forma como praticamos design hoje (apud ANASTASSAKIS, 2012)

A autora entende esse deslocamento do design em direção à antropologia como um reflexo da preocupação dos designers quanto ao seu papel social e ecológico na produção de mercadorias. Ainda segundo Clarke, a antropologia parece oferecer uma alternativa a práticas de uma criatividade ‘não capitalista’. (apud ANASTASSAKIS, 2012)

Como o estudo comparativo de sociedades e culturas, a antropologia tem um interesse de pesquisa óbvio e de longa data em processos de mudança social e cultural, criatividade humana e inovação (Barnett, 1953; Hallam e Ingold, 2007; Liep, 2001). Isso inclui o design, mesmo que o estudo antropológico do design como um fenômeno moderno ainda que esteja engatinhando. No entanto, a principal relação entre design e antropologia tem sido através da etnografia. (OTTO, SMITH, 2013, p. 3).

Porém, Gatt e Ingold, percebem essa relação da “anthropology-by-means-of-ethnography” como muito limitante. Os autores propõem que a relação entre design e antropologia não aconteça *de, como* ou *para* o design, mas uma relação da antropologia “by means of design” como uma *prática de correspondência*, por meio da *participação observante* com as circunstâncias e os emaranhamentos de pessoas, objetos e ambientes em constante mudança.

Ao propor uma antropologia por meio design como alternativa à antropologia por meio da etnografia convencional, nosso objetivo é localizar o design nos efeitos transformadores da observação participante, nas correspondências prospectivas em tempo real com as pessoas entre as quais trabalhamos. O design, nesse sentido, vem antes da etnografia e não depois dela. Isso nos obriga a voltar mais uma vez ao mundo para o que ele tem para nos ensinar. E restaura o observador participante para onde ele ou ela pertence, no meio das coisas. (GATT; INGOLD, 2013, p. 148)

#### 4.1. Um breve histórico do Design Anthropology

Design e antropologia começaram sua aproximação após os estudos de Gordon W. Hewes que, interessado por aspectos culturais e antropológicos das posições corporais, iniciou estudos a respeito do tema a partir da aplicação da ergonomia, chamando atenção de designers para a necessidade de considerar a diversidade dos hábitos corporais nos projetos de produtos e, com efeito, possibilitando o questionamento do próprio papel social dos designers no desenvolvimento de projetos (SOUZA apud ANASTASSAKIS, 2012).

Desde os anos 50 Hewes já apontava que, para além das circunstâncias meramente anatômicas e fisiológicas, as relações e costumes envolvendo sexualidade, exposição do corpo, vestimentas, suportes artificiais e até mesmo a tecnologia disponível para construção de moradias desempenham um importante papel na determinação dos costumes posturais de um dado povo, independentemente da etiologia de cada um destes fatores, de modo que seja possível pensar e discutir a significância cultural nos hábitos posturais (1953, p. 231).

Seguido por inúmeros estudos antropológicos industriais durante os anos de 1940 e 1950, para o desenvolvimento de técnicas para análises de interações para previsão de elementos do comportamento interpessoal e criar insights para gestão de negócios, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa a influência dos movimentos sindicais promoveram preocupações com a saúde e segurança dos trabalhadores, de modo que pesquisas sobre engenharia, fatores humanos e comportamento do local de trabalho abriram caminho para o

envolvimento de cientistas sociais em design industrial e gestão de negócios (OTTO; SMITH, 2013, p.5).

Poucos anos depois outro importante passo na aproximação entre os campos do design e da antropologia se deu com as experiências escandinavas de design participativo nos anos 70, nas quais colaborações entre pesquisadores, designers e trabalhadores sindicalizados culminaram numa forma de pesquisa ativa, politicamente significativa, e interdisciplinar sobre os recursos e controle nos processos de design (EHN, 2017)

Tais movimentos induziram a adoção de métodos e perspectivas etnográficas para as práticas de design em meados dos anos 80. Com efeito, esta preocupação crescente com a forma de entender e trabalhar as relações emergentes entre um produto de design e as práticas de uso busca minimizar, através da adoção da etnografia, a distância entre os contextos de uso e de design, criando assim familiaridade e empatia com o usuário (SMITH, 2015).

Entre os anos de 1980 e 1990, ocorre então, o que pode ser considerado como um marco histórico da aproximação dos campos do design e da antropologia, onde tem início o que Wasson (apud ANASTASSAKI, 2012) considera uma onda de pesquisa etnográfica. Para o teórico, com o uso de abordagens antropológicas pelo design surge da necessidade de situar os usos dos produtos em seus contextos socioculturais.

Para ANASTASSAKIS (2012, p. 6), Wasson considera que a etnografia faz sucesso entre os designers

[...] porque propõe investigar não apenas o que os consumidores dizem fazer, mas o que eles fazem, de fato. Além disso, ou por causa disso, os estudos etnográficos teriam trazido à tona significativas discrepâncias entre o que os designers intencionavam para os usos dos produtos por ele projetados e os comportamentos cotidianos dos consumidores. [...] Nesse sentido, a análise de Wasson se alinha à de Clarke: para ambas, a antropologia (ou etnografia) causa tanto impacto no campo do design porque aponta para toda uma nova dimensão do usuário e suas questões.

Essa descoberta é vista pelo mundo corporativo com bons olhos. A aproximação de ambos os campos passa então a ser explorada pelo Centro de Pesquisa da XEROX, em Palo Alto, Estados Unidos. São reunidos no centro, designers, antropólogos e engenheiros, que passam então a se utilizar de abordagens etnográficas para o desenvolvimento de softwares. É nesse contexto, que é desenvolvido o botão verde que ainda hoje é utilizado em todas as fotocopadoras. (ANASTASSAKIS, 2012)

Em 1987, Lucy Suchman, em seu livro ‘Plans and situated action’ “mapeou fluxos de trabalho, planos e ações situadas e mostrou como as concepções culturais tinham efeito sobre o design e reconfiguração de tecnologias” (apud OTTO; SMITH 2013, p. 6)

Essa experiência abriu caminho para que estúdios de design contratassem antropólogos para compor sua equipe e contribuir com pesquisa e desenvolvimento de produtos e serviços. (ANASTASSAKIS, 2012)

Em 1993, Blomberg e colegas publicam um guia com os princípios básicos da etnografia para o design. No guia, os autores sugerem o uso de cenários, perfis de usuários, mapa de oportunidades e modelos de experiência como forma de criar uma ponte entre o entendimento do presente e o projetar para o futuro. Esses princípios foram melhor articulados no campo do Design Participativo que emergiu principalmente nos Estados Unidos e na Europa, especialmente na Escandinávia, onde desde os anos 70 buscavam um ideal de local de trabalho democrático que focava na inclusão e participação ativa de seus trabalhadores em formatar suas próprias condições de trabalho. Por esse motivo foram desenvolvidos métodos e técnicas de design que permitiram que grupos, anteriormente, sem poder algum pudessem contribuir ativamente com os processos de design dentro do espaço de trabalho. (OTTO; SMITH, 2013, p. 7)

#### 4.2 Design Anthropology: um subcampo do conhecimento

O Design Anthropology emerge do interesse por reconfigurar a prática profissional do design por meio da antropologia, e de reconsiderar os modos de produção do conhecimento antropológico como um campo acadêmico de pesquisa e produção de conhecimento (ANASTASSAKIS, 2014). Segundo Otto e Smith (2013, p. 3), isso acontece porque a “antropologia tem um interesse óbvio em processos de mudança social e cultural, criatividade humana e inovação, e isso inclui o design, mesmo que seu estudo antropológico ainda esteja engatinhando”.

Gunn e Donovan, em seu artigo *Design Anthropology: an introduction* apontam as diferenças entre as três formas de intercâmbio entre os campos do design e da antropologia. Eles descrevem esses diferentes intercâmbios por meio dos termos *dA*, *Da* e *DA*, e diferenciam os entendimentos e práticas de cada um:

Esses entendimentos e práticas dependem do posicionamento metodológico e disciplinar: *dA* - a contribuição teórica é para a antropologia e não para o design. O design segue a liderança da antropologia em termos de adotar entendimentos teóricos ou tornar-se objeto de estudo antropológico. *Da* – o campo está a serviço do design. O enquadramento origina-se de abordagens de design orientadas para o problema, em vez de engajamento com os povos. A antropologia é colocada em serviço no design, por exemplo, estudos etnográficos são usados para estabelecer requisitos de design. *DA* - disciplinas de design e antropologia estão engajadas em uma convergência de

esforços, cada um aprendendo com o outro. DA é uma mudança de projeto de informação para o re-enquadramento das relações sociais, culturais e ambientais em design e antropologia. (GUNN; DONOVA, 2012, p. 9)

Otto e Smith (2013) entendem o DA como um estilo distinto do saber que incorpora tanto a análise quanto o ato de construção de conhecimento e “está amadurecendo como uma (sub)disciplina separada, com seus próprios conceitos, métodos, práticas de pesquisa e profissionais, em suma, seu próprio estilo e prática distintos de produção de conhecimento.” (OTTO; SMITH, 2013, p. 1).

As práticas do DA envolvem grupos de pessoas engajadas em processos de design colaborativo, multidisciplinares e interorganizacionais e atividades de co-análise em oposição ao antropólogo solitário conduzindo investigações de pessoas e análise de materiais gerados através dessas investigações. (GUNN; LOGSTRUP, 2014, p. 429). Envolve ainda

[...] definir e inventar o campo etnográfico ou espaço de design, e até certo ponto o(s) assunto(s) etnográfico(s), bem como atuar situacionalmente para produzir várias agendas culturais através do processo de pesquisa e design. Smith (2013) nomeou isso de abordagem intervencionista antropológica do design: processos de investigação e exploração orientados para o futuro que não apenas desenvolvem perspectivas ou oportunidades alternativas, mas funcionam como locais de produção e transformação cultural. (SMITH; OTTO, 2014, p. 1)

Segundo Noronha e Portela (2014, p.3) o DA “pode ser entendido como uma ‘antropologia projetual’ por agregar elementos de um e outro campos do saber para lidar com as complexidades do mundo contemporâneo, a partir da ótica do design”. Dessa forma Ventura e Bichard (2016, p. 6) acreditam que o DA “[...] oferece oportunidades para um entendimento mais profundo de questões sociais mais amplas que poderiam influenciar o processo de design em relação à mediação entre o design, o fabricante e os parceiros de design [...]”.

A partir da leitura do livro *Design Anthropology*, organizado por Wendy Gunn, Noronha e Portela (2014) conseguiram extrair os pontos fundamentais do design e da antropologia que servem para o entendimento do Design Anthropology. Do design temos:

1. desenvolver práticas e instrumental para um projeto colaborativo de se pensar, idealizar, imaginar o futuro; 2. tomando como inspiração a prática dos designers de interferir no campo de pesquisa/ação, o design anthropology tem como objetivo a intervenção e transformação da realidade social; 3. a constituição de equipes multidisciplinares em campo, indo além da tradição antropológica do pesquisador solitário em campo. (NORONHA e PORTELA, 2014, p.7).

E da antropologia as contribuições são:

1. a extensa tradição em teorizar os contextos de uso e interpretar os significados culturais das coisas; 2. diferentemente do design, cujo objetivo é projetar, termo cuja etimologia indica o processo de lançar à frente, direcionar-se ao futuro, a antropologia empresta a capacidade de investigar o passado para entender o presente; e 3. a inclusão dos valores dos sujeitos envolvidos nas pesquisas, trazendo a sensibilidade aos valores como condição *sine-qua-non* aos processos de transformação social pautados no respeito às identidades e idiossincrasias. (NORONHA e PORTELA, 2014, p.7).

Enquanto que em seu livro ‘Design Anthropology: object culture in the 21st century’ de 2011, fortemente enraizado no design, e primeiro material a cunhar o termo para esse novo subcampo do conhecimento, Clarke constrói estudos antropológicos da materialidade e consumo e os processos culturais que formam experiências e produtos. Gunn e Donovan, no livro ‘Design Anthropology’ de 2012, focam na relação entre projetar, produzir e usar, enfatizando os aspectos sociais da criatividade em design e do dar forma as coisas (apud OTTO; SMITH, 2013).

Otto e Smith (2013, p. 9) acreditam que “independentemente do foco dado ou da maneira como conectam antropologia ao design, uma prática concreta e uma ação reflexiva são essenciais a ambos”.

Em resumo, o Design Anthropology trabalha com grupos interdisciplinares e atividades co-analíticas para fins de projeto. Fazer uso da antropologia por meio do design, significa dizer que o projetar acontece no processo de pesquisa e não mais como objetivo final ou resultado. “O desenvolvimento de projeto por meio da antropologia, tem como premissa uma concepção mais fundamental com um processo social e pode ser entendida como um compromisso de material e crítica construtiva envolvendo a observação participante” (GATT; INGOLD, 2013, p. 141). *A participação observante* de nenhum modo “é uma forma imparcial de observação, mas uma forma próxima de engajamento, entendida em termos de correspondência entre pesquisadores, estudantes e os povos com os quais estão realizando pesquisas.” (GUNN apud GUNN; LONGSTRUP, p. 432)

Praticantes da antropologia do design seguem situações dinâmicas e relações sociais e estão preocupados com a forma como as pessoas percebem, criam e transformam seus ambientes através de suas atividades cotidianas. Essa visão desafia a ideia de que design e inovação se referem apenas à geração de novas coisas como sendo centrais para processos de mudança social e cultural. As práticas de antropologia do design ocorrem em diferentes escalas e cronogramas e envolvem muitas disciplinas, cada uma trazendo suas próprias maneiras distintas de conhecer e fazer. (GUNN; OTTO; SMITH, 2013, p. XIV)

Esta perspectiva de design é particularmente importante no contexto global atual onde nos vemos diante de “um mundo de contextos cada vez mais heterogêneos e interconectados. Em domínios de design, produção e uso, o Design Anthropology oferece uma oportunidade de repensar e estender o engajamento da antropologia para dentro do design participativo” (SMITH, 2015, p.75).

Em contraste com a etnografia clássica, antropólogos de design geralmente não se envolvem em pesquisa de campo de longa duração em uma locação social e cultural particular mas, ao invés, conduzem uma série de curtos estudos de campo e intervenções, frequentemente em diferentes cenários sócio-culturais (OTTO; SMITH, 2013, p.11).

Um dos cenários possíveis para o desenvolvimento de pesquisas do DA, além do próprio campo, é o que Gunn e Longstrup (2014, p. 433) denominam *design studio*. Para as autoras as práticas realizadas no estúdio não estão, de maneira nenhuma, separadas das práticas de campo. Ao contrário, Gunn e Longstrup, consideram o estúdio de design uma extensão do campo em si. Para elas, isso significa dizer que os pesquisadores não estão concluindo um estudo *de* ou *sobre* pessoas, mas *com* elas, e que isso envolve “entrar em um contexto dialógico de interação com as pessoas, possibilitando ações, formas colaborativas emergentes, co-análise de materiais de campo e envolvimento com, ao contrário de capturar ou tentar representar o ponto de vista do outro.” (GUNN; LONGSTRUP, 2014, p. 433)

Binder (2010, p. 21) complementa

O laboratório de design fornece uma estrutura para organizar e orientar a inovação com ênfase na aprendizagem. Em vez de separar a pesquisa, a ideação e o desenvolvimento de conceitos do design e da implementação, o laboratório de design estabelece uma organização de aprendizagem que, desde o início, explora simultaneamente o “o quê” e o “como” da inovação.

Gunn e Longstrup, entendem gerar conhecimento entre o campo e estúdio de design como ação e não contemplação. Entendem também que esse tipo de abordagem, a qual chamam de *practice based explorations*,

caracterizados por suas qualidades de jogo, são uma parte importante de envolver a observação participante dentro de processos e práticas de engenharia de design de interação e uma maneira de fazer relações entre o que é aprendido enquanto se move entre o estúdio de design e o campo (GUNN; LONGSTRUP, 2014, p. 433)

Otto e Smith, entendem o DA como um estilo diferente do saber. Os autores corroboram com a ideia de Kilbourn de que o Design Anthropology é distinto até mesmo do design e da

antropologia, na medida em que os antropólogos de design direcionam a atenção para as ferramentas de seu envolvimento com a realidade social e práticas teóricas particulares, por meio das quais o Design Anthropology faz uma importante virada: da utilização da teoria primariamente para análise e explicação, para a geração e desenvolvimento conceitual de alternativas e possibilidades futuras (apud OTTO, SMITH, 2013).

Os autores entendem que *estilo* seja o termo que melhor cabe no contexto do DA, pois indica que a produção do conhecimento envolve mais do que pensamento e raciocínio, “[...] compreende também práticas de atuação no mundo que geram formas específicas de conhecimento, e é nessas práticas que vemos uma grande mudança” (2013, p. 11) Além disso segundo Hacking (apud OTTO; SMITH, 2013, p. 11), estilo presume a introdução de novidades e padrões duradouros de avaliação e validação, o que Otto e Smith acreditam acontecer com o DA:

Acreditamos que está de acordo com a definição de um novo estilo de Hacking. Introduce uma série de novidades que derivam da integração experimental de práticas da antropologia e do design. Estes incluem formas intervencionistas de trabalho de campo e design que funcionam através de ciclos interativos de reflexão e ação, e empregam métodos e ferramentas como feedback de vídeo, cenários, mock-ups, adereços, protótipos, interações tangíveis e várias formas de jogos, performances e promulgação. A antropologia do design também compreende várias formas de colaboração interdisciplinar dentro e fora do estúdio de design para produzir conceitos e protótipos, o suporte da colaboração com as partes interessadas e vários tipos de público, e um foco intencional em facilitar e contribuir para a mudança. Finalmente, a antropologia do design é caracterizada por um uso particular da teoria que visa gerar conceitos e novas estruturas ou perspectivas. (OTTO; SMITH, 2013, p. 11)

Wendy Gunn et al. apresenta, o que para ela, são os parâmetros fundamentais para considerarmos o Design Anthropology como um estilo diferente do saber. Esses parâmetros foram interpretados e traduzidos por Noronha e Portela (2014) em quatro tópicos que sintetizam os assuntos abordados por Gunn e seus colegas. São eles: temporalidade; relação entre prática e teoria; interpretação da realidade; e pensar o campo de pesquisa como campo de ação.

A **temporalidade** diz respeito a como a percepção do presente é construída por meio de inserções em contextos históricos passados ou projeções futuras. Rafael Cardoso (2012) afirma em seu livro que o nosso olhar está sujeito à transformação de acordo com o tempo e espaço no qual estamos inseridos. A percepção de um artefato, seu significado e uso no passado, podem não ser os mesmos no presente.

[...] a orientação futura robusta do design é um grande desafio para a antropologia do design, tanto teórica quanto metodologicamente. Entender como a mudança acontece

e como ela pode ser direcionada pela agência humana é um dos seus principais empreendimentos teóricos. (OTTO; SMITH, 2013, p. 17)

Otto e Smith concluem que o desafio dos antropólogos do design é “projetar o olhar da antropologia em direção ao futuro e, ao mesmo tempo, permitir que o passado seja uma parte fundamental do futuro”.

O segundo parâmetro interpretado por Noronha e Portela (2014) trata da **relação entre prática e teoria** traça um paralelo entre a forma de projetar do designer, e a maneira de observar e compreender o sujeito, do antropólogo. Para Noronha e Portela (2014, p. 7) “são ponto crucial de entendimento cosmológico entre os dois campos do saber”.

Para Ventura e Bichard (2014, p. 4) “Enquanto os antropólogos recorrem ao passado (ainda que imediato) para destacar o presente, designers usam o presente para prever um possível futuro”. Os autores continuam

No século XXI, os designers contemporâneos não devem se limitar à singularidade da prática de sua disciplina, mas devem se engajar em discursos mais amplos que influenciem seu ambiente social e cultural. Curiosamente, esse chamado para entender a visão de mundo do usuário ecoa com as teorias clássicas da antropologia interpretativa, como as obras-chave de Clifford Geertz. Além disso, o foco antropológico nas atividades cotidianas, a maneira como as pessoas interagem umas com as outras e influenciam seu ambiente através de relações sociais e objetos ecoam o trabalho dos designers. Portanto, sugerimos que tal engajamento pode ser definido como por meio do design anthropology. (VENTURA; BICHARD, 2016, p. 4)

O terceiro parâmetro interpretado por Noronha e Portela (2014) é a **interpretação da realidade**, por esta ser algo que não tem forma única, porém é desenvolvida culturalmente, se dá a partir de uma construção relacional entre o designer e os demais atores envolvidos na construção dessa realidade.

Nas palavras de Otto e Smith (2031, p. 14)

[...] o papel dos conceitos na antropologia do design vai além da análise e descrição para a geração de conceitos de design. Os conceitos de design acontecem quando designers e pesquisadores trabalham juntos para esboçar ideias emergentes, agrupar temas e discutir possibilidades de desenvolvimento. [...] Eles estão continuamente em fluxo e finalmente dão lugar à produção de protótipos.

Kjaersgaard (2013) apresenta uma visão similar da interação de designers, antropólogos do design e outros atores nesse processo. Ela defende que essas interações devam acontecer por meio de *design workshops*, pois percebe que nessas oficinas diferentes perspectivas, informações, materiais e interesses são colocados juntos para produzir esse conceito de design.

A autora chama essas diferenças de “knowledge pieces” e afirma que elas só podem se encaixar por meio de processos de criatividade justapostos e debates, que vão colaborar para a formulação do conceito de design que servirá de base para que se tracem estratégias de design e protótipos sejam apresentados. (apud OTTO; SMITH, 2013, p. 15)

Por fim, o último parâmetro interpretado por Noronha e Portela (2014) trata do **pensar o campo de pesquisa como campo de ação**; compreendendo que cada interferência tem valor relevante para a construção do projeto, e compreendendo o poder de interferência de cada ator dentro da produção.

A criação e desenvolvimento desse tipo de conhecimento acontece *na e por meio* da ação e não como o resultado de observação e reflexão (SMITH; OTTO, 2014, p. 1). Smith e Otto (2014, p. 2) focam na *emergência e intervenção* como conceitos centrais do DA. Ao fazer isso, os autores entendem que “focam nos padrões culturais e nas perspectivas do futuro próximo e emergente, em vez das realidades etnográficas do passado presente” e acreditam que isso pode ajudá-los a

[...] desenvolver uma abordagem teórica fundamentada para a compreensão e o conhecimento com práticas e ações intervencionistas situadas, abordando questões como: Como desenvolvemos intervenções antropológicas que se abrem para perspectivas sobre o emergente? Como projetar formas antropológicas de conhecer através da ação e transformação pode ser etnograficamente significativo, válido e eficaz? (SMITH; OTTO, 2014, p. 2)

Gatt e Ingold (2013, p 139-158) adicionam que o desafio teórico e prático está em se fazer antropologia por meio do design e não mais por meio da etnografia. Argumentam ainda que esse processo não deve acontecer por uma antropologia para o design ou do design, mas *‘by-means-of-design’*. Para os autores, *anthropology-by-means-of-design* deve ser entendida como uma *prática de correspondência*, e entendem que a *participação observante* tem um papel central nesse processo.

Gatt e Ingold (2013), entendem que o conceito de correspondência é a chave para repensar o design e a antropologia. Por meio dessa abordagem o DA corresponde com as vidas envolvidas no projetos, em vez de somente descrevê-la. Os autores sugerem ainda que design, não é sobre inovação, mas sobre improvisação.

A abordagem exploratória e crítica do Design Anthropology é similar ao do design participativo e da pesquisa de design construtiva ou especulativa. Contudo o papel e a função da antropologia dentro destes contextos difere na medida em que chama a atenção para os caóticos e complexos contextos socioculturais e políticos, as relações e correspondências entre

diversas agendas e comunidades, e um senso de responsabilidade para com o conhecimento produzido por meio destes contextos (SMITH, 2015, p.76).

Onde o design etnográfico ou participativo busca 'aproximar as coisas', a antropologia aplicada ao design possibilita a contextualização destas diferentes 'coisas', o enquadramento e reenquadramento dos objetos e práticas de design, usando diferentes perspectivas críticas para explorar as alternativas num dado projeto (SMITH, 2015, p.75).

No entanto o Design Anthropology possui uma abordagem específica quanto ao uso da teoria e geração de novos conceitos. Enquanto o estudo etnográfico faz uso de conceitos teóricos para auxiliar a condução do processo de pesquisa empírica e descrição etnográfica, tais conceitos são movidos para além da análise e descrição no Design Anthropology. Sendo assim, utilizados para a geração de conceitos de design, onde se esboçam ideias emergentes, agrupamento de temas e discussões das possibilidades para o desenvolvimento (OTTO; SMITH, 2013).

O Design Anthropology também é composto por várias formas de colaboração interdisciplinares dentro e fora do estúdio de design, para produzir conceitos e protótipos, estruturação de colaboração com as partes interessadas e vários tipos de públicos, e um foco intencional em facilitar e contribuir para a mudança (OTTO; SMITH. 2013).

Pesquisadores envolvidos no campo do Design Anthropology lidam com constelações de matéria social e tecnológica, entrelaçados com preocupações políticas e públicas em domínios distantes do local de trabalho ou agendas industriais convencionais da etnografia em design (SMITH, 2015).

O processo de design deve integrar saberes específicos do campo, juntamente com uma compreensão mais ampla dos seres humanos para quem os designs são feitos; as circunstâncias sociais nas quais o ato de design ocorre; e o contexto humano no qual artefatos do design são usados (OTTO; SMITH. 2013). Isso se torna possível através do que Ingold (2013) denomina 'prática de correspondência', por meio da observação participante, onde ele afirma que

[...] uma antropologia levada a cabo por meio do design, mais do que descrever ou representar os mundos sociais de que se aproxima, estaria implicada em co-responder às questões que envolvem aqueles com quem trabalhamos, em campo. [...] Com isso, as relações em campo passam a ser mais importantes que os resultados finais de pesquisa, e os processos criativos de geração de formas e visualizações, tipicamente associados ao saber-fazer do design, ganham espaço, intermediando não só as relações de aproximação do antropólogo em campo, mas, também, os processos de criação colaborativa (entre pesquisadores e seus interlocutores) de propostas alternativas onde a imaginação coletiva ganha centralidade. (INGOLD apud ANASTASAKI, 2014)

A observação participante descrita por Ingold envolve o pesquisador com os atores sociais. Essa observação não é, de forma alguma, isolada. Nela, o designer/pesquisador é coparticipante, e juntamente com os demais atores sociais contribui ativamente nos processos.

Propõe-se o termo correspondência para designar essa composição de movimentos que, à medida que se desenrolam, respondem continuamente uns aos outros (INGOLD, 2013, p. 105-8). Não se entende por isso um alinhamento preciso nem um simulacro daquilo que se encontra nos acontecimentos à volta. Não tem nada a ver com representação ou descrição. Trata-se, pelo contrário, de responder a esses acontecimentos por meio das próprias intervenções, questões e respostas – em outras palavras, viver *atencionalmente* com outros. A observação participante é uma prática de correspondência nesse sentido. (INGOLD, 2016 p. 408).

Para Portela (2018) o que o autor traz de contribuição para o design é a capacidade de nos aproximarmos do mundo, do qual, durante a produção industrial nos mantivemos afastados, por meio da aproximação com o outro, seja esse outro pessoa ou matéria.

Glowczewski (apud OTTO, SMITH, 2013 p. 18) corrobora e complementa a ideia de Ingold quando afirma que correspondência é sobre improvisação, em vez de inovação e sobre ‘foresight’, em vez de ‘prediction’ [no sentido de nos ajudar a projetar o futuro e não simplesmente ter a revelação desse futuro como algo predeterminado].

Glowczewsk (apud OTTO, SMITH, 2013) considera a prática de correspondência como uma parte natural da observação participante, mas com ênfase no que é produzido durante o trabalho de campo (relações sociais, conhecimento prático e novas práticas para as pessoas envolvidas) e não depois.

Por esse motivo, Friedman e Fry afirmam que

Há um foco crescente das indústrias criativas, organizações governamentais, entre outros no potencial do design e inovação na resolução de questões sociais urgentes que está diretamente conectado às mudanças econômicas globais e o crescimento da preocupação ética, política e social com a sustentabilidade. (apud OTTO; SMITH, 2013, p. 13).

No texto ‘Etnografias do possível’ (2013, p. 193), Halse afirma que uma contribuição distinta do Design Anthropology pode ser desenvolver tecnologias particulares de imaginação que permitam e encorajam uma reflexão crítica durante os processos do que ele chama projetar o futuro. No livro ‘Rehearsing the future’, Halse *et al* propõe essa aproximação por meio de protótipos. O autor afirma ainda, que essas tecnologias de nenhuma maneira podem ser consideradas inocentes. Tais jogos e técnicas de performance são cuidadosamente desenvolvidos pelos pesquisadores envolvidos para que permitam aos participantes revisitar o

passado, refletir sobre o seu presente e extrapolar futuros possíveis (HALSE et al, 2010, p. 182 - 189)

Halse e Boffi (2016, p. 89) denomina essas técnicas de *intervenções de design* e acredita que essas intervenções “podem ser vistas como uma forma de pesquisa relevante para investigar fenômenos que não são muito coerentes, pouco prováveis, quase impensáveis, e consistentemente sub-especificados, porque ainda estão no processo de serem conceitualmente e fisicamente articulados”. Para os autores, intervenção não tem tanta relação com resolução ou correção de conflitos, é mais sobre permitir novas formas de diálogo e consciência da problemática emergente, e eles a entendem como instrumento de pesquisa aberta que serve mais para explorar questões instáveis, especulativas e imaginativas. O resultado dessas intervenções podem ser tanto protótipos, quanto mais questionamentos.

Portela (2018) conclui então, que os autores consideram prototipar o mesmo que encenar, e que a cada ato, fala ou combinação de imagens, constitui uma nova possibilidade discursiva e isso permite transformar a imaginação particular de cada ator em formas concretas. Para a autora “[...] criar cenários, encenar, simular, são formas de acessar, explorar a imaginação dos sujeitos envolvidos com a pesquisa” (PORTELA, 2018, p. 52).

Assim, o Design Anthropology introduz inúmeras novidades derivadas da integração experimental entre as práticas da antropologia e do design, tais como formas intervencionistas de trabalho de campo e design que atuam por meio interações de ciclos de reflexão e ação e fazem uso de métodos e ferramentas como vídeos, cenários, maquetes, prototipação, interações tangíveis e várias formas de jogos, performances e representações.

“Outra importante característica do Design Anthropology é a maneira como os seus profissionais trabalham em múltiplos relacionamentos e frequentemente papéis complexos com diferentes atores sociais, incluindo designers, pesquisadores de outras disciplinas, e patrocinadores, tão bem quanto com usuários e públicos. [...] Os antropólogos do design se encontram (na maior parte do tempo) trabalhando em equipes de design multidisciplinares, alternando entre ser pesquisadores, facilitadores ou co-criadores no processo de design. (OTTO, SMITH, 2013, p. 18).

Para Balsamo (apud OTTO; SMITH, 2013, p. 13)

O que emerge dessas abordagens interdisciplinares é que design e cultura não são domínios analíticos separados ou extensões um do outro. A cultura sempre foi vista como parte das práticas do design, mas o contrário é igualmente válido e relevante: quando projetamos objetos, tecnologias e sistemas, estamos de fato projetando culturas para o futuro.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Design Anthropology emerge do interesse por reconfigurar a prática profissional do design por meio da antropologia. O DA pode ser entendido como um estilo do saber que incorpora tanto a análise quanto o ato de construção de conhecimento e apresenta seus próprios conceitos, métodos e práticas.

Essas práticas envolvem grupos de pessoas engajadas em processos de design colaborativo, multidisciplinares e interorganizacionais e atividades de co-análise em oposição ao antropólogo solitário conduzindo investigações de pessoas e análise de materiais gerados através dessas investigações, isso significa dizer que o projetar acontece no processo de pesquisa e não mais como objetivo final ou resultado.

Nesse contexto, o design anthropology não se limita ao *campo* como único cenário possível, mas o estúdio de design passa a ser uma extensão do campo em si. Isso significa dizer que os pesquisadores não estão concluindo um estudo *de* ou *sobre* pessoas, mas *com* elas. Dessa forma, o DA oferece um entendimento mais profundo de questões sociais mais amplas que podem influenciar os processos de design.

Esta perspectiva de design é particularmente importante no contexto global atual por oferecer uma oportunidade de repensar e estender o engajamento da antropologia para dentro do design participativo. Isso só é possível porque o DA se baseia em 4 parâmetros fundamentais: temporalidade, relação entre prática e teoria, interpretação da realidade, pensar o campo de pesquisa como o campo de ação.

A *temporalidade* diz respeito a como a percepção do presente é construída por meio de inserções em contextos históricos passados ou projeções futuras; a *relação entre prática e teoria* traça um paralelo entre a forma de projetar do designer, e a maneira de observar e compreender o sujeito, do antropólogo; a *interpretação da realidade* se dá a partir de uma construção relacional entre o designer e os demais atores envolvidos na construção dessa realidade; e por fim o *pensar o campo de pesquisa como campo de ação*, por meio dessa abordagem o DA corresponde com as vidas envolvidas no projetos, em vez de somente descrevê-las. Essa correspondência se dá por meio da *observação participante* envolvendo o pesquisador com os atores sociais. Nela, o designer/pesquisador é coparticipante, e juntamente com os demais atores sociais contribui ativamente nos processos.

Podemos concluir então que o Design Anthropology não é uma metodologia, mas um subcampo do conhecimento que emerge do intercâmbio entre os campos do design e da

antropologia. Para o design, especificamente, o DA se mostra como um ponto de mudança crucial no ato de projetar soluções para as atuais necessidades de nossa sociedade. Sua importância reside no fato de trazer uma compreensão profunda e um comprometimento com as questões socioculturais atuais. Isso só é possível por causa das relações de correspondência que ocorrem por meio da observação participante. Nenhum outro subcampo do conhecimento engloba em seus fundamentos a possibilidade de diferentes perspectivas derivadas dos pontos de vista de diferentes atores sociais. No DA, nós não só temos essa possibilidade, como ela é condição sine qua non para que haja desenvolvimento de projeto.

Nas relações de correspondência, o designer, como mediador, se vê trocando de papéis, juntamente com os demais atores, para que todas as perspectivas sejam levadas em conta. Em um momento somos designers, no outro pesquisadores, e em um outro estamos desempenhando o papel de um dos atores pesquisados. Isso nos abre a possibilidade também de encenar os possíveis futuros por meio de tecnologias particulares de imaginação que permitam e encorajam uma reflexão crítica.

Esse tipo de intervenção permite novas formas de diálogo e consciência das problemáticas que estão surgindo ou por surgir, além de servir para explorar questões instáveis, especulativas e imaginativas, sem preocupação com um resultado ‘materializável’. O resultado dessas intervenções podem ser tanto soluções concretas, quanto protótipos ou ainda mais questionamentos.

Nesse sentido, o Design Anthropology se mostra então como alternativa que tem muito a contribuir para o campo do Design tanto em sua visão de mundo, projeto e campo, quanto nos métodos e técnicas que também podem ser adotados e aplicados no âmbito sociocultural, criação de valor e inovação.

## REFERÊNCIAS

ANASTASSAKIS, Z. Texto de abertura do painel de Design Anthropology. Anais da 29a Reunião Brasileira de Antropologia. Natal, 2014.

\_\_\_\_\_. **A antropologia do design: observações sobre as apropriações da prática antropológica pelo design hoje**. 28a Reunião Brasileira de Antropologia. São Paulo, 2012.

BRAGA, M. C. G.; ULBRICHT, V. R. Revisão Sistemática Quantitativa: identificação das teorias cognitivas que apoiam o design de interface no uso da realidade aumentada na aprendizagem online. **Revista EducaOnline**. Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 84-100, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=educaonline&page=article&op=view&path%5B%5D=232&path%5B%5D=363>>. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

BINDER, T.; BRANDT, E.; HALSE, J. **Democratic Design Experiments: Between Parliament and Laboratory**. 2015.

BONSIEPE, G. **Design como prática de projeto**. São Paulo: Blucher, 2012.

BURDEK, B. E. **Design: História, teoria e prática do design de produtos**. Tradução: CAMP, Fredy Van. São Paulo: Edigar Buscher, 2006.

BUSARELO, R. I. **Geração de conhecimento para usuário surdo baseada em histórias em quadrinhos hipermidiáticas**. 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96000/298465.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 20 de outubro de 2018.

CARDOSO, R. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CASTRO, A. A. **Revisão Sistemática e Meta-análise**. 2001. Disponível em: <<http://www.usinadepesquisa.com/metodologia/wp-content/uploads/2010/08/meta1.pdf>>. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

\_\_\_\_\_. **Formulação da Pergunta da Pesquisa**. 2001. Disponível em: <[https://cienciassaude.medicina.ufg.br/up/150/o/Anexo\\_C3\\_formulacao\\_pergunta\\_pesquisa.pdf](https://cienciassaude.medicina.ufg.br/up/150/o/Anexo_C3_formulacao_pergunta_pesquisa.pdf)>. Acesso em: outubro de 2018.

\_\_\_\_\_. **Revisão Sistemática: análise e Apresentação dos Resultados**. 2001. Disponível em: [http://www.usinadepesquisa.com/metodologia/wp-content/uploads/2010/08/lv5\\_rsl09.pdf](http://www.usinadepesquisa.com/metodologia/wp-content/uploads/2010/08/lv5_rsl09.pdf)>. Acesso em: 20 outubro de 2018.

EHN, P. Learning in Participatory Design as I found it. In: DISALVO, B.; YIP, J.; BONSIGNORE, E.; DISALVO, C. (Ed.). **Participatory Design for Learning: Perspectives from Practice and Research**. New York: Routledge, 2017. p. 7-21.

GALVAO, C.M; SAWADA N.O.; TREVISAN, M.A. **Revisão sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem**. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n3/v12n3a14.pdf>>. Acesso em: 20 outubro de 2018.

GATT, C.; INGOLD, T. From Description to Correspondence: Anthropology in Real Time. In: GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R. C. (Ed.). **Design Anthropology: Theory and Practice**. London, New York: Bloomsbury, 2013. p. 139-157.

GERHARDT, T. E.; SOUZA, A. C. **Aspectos Teóricos e Conceituais**. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 11 – 29.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Movimento**. Porto Alegre, v.20, n.01, p. 395-411, jan/mar de 2014. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/41542>>. Acesso em: 26 de novembro de 2018.

GUNN, W; OTTO, T; SMITH, R. C. (eds). **Design anthropology: theory and practice**. London, New York: Bloomsbury, 2013.

GUNN, W.; LONGSTRUP, L. B. Participatory observation, anthropology methodology and design

anthropology research inquiry. **Arts and Humanities in Higher Education**. jul. 2014, v.13, n.4. p. 428-442. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1474022214543874>>. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

HALSE, J. **Etnographies of the Possible**. In: GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R. C. (Ed.). **Design Anthropology: Theory and Practice**. London, New York: Bloomsbury, 2013. p. 180-197.

HALSE, J.; BRANDT, E.; CLARK, B.; BINDER, T. **Rehearsing the future**. The Danish Design School Press. Copenhagen: 2010.

HEWES, G. W. **World Distribution of Certain Postural Habits**. In Annual Meeting of the American Anthropological Association. Arizona. 1953.

JOANNA BRIGGS INSTITUTE (JBI). **Joanna Briggs Institute Reviewers' Manual**. Adelaide, 2014. Disponível em: <http://joannabriggs.org>

DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, M. C.; TAKAHASHI, R. F.; BERTOLOZZI, M. R. Revisão sistemática: noções gerais. **Revista da Escola de Enfermagem USP**. São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1260 - 1266, out. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342011000500033&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000500033&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2016.

NORONHA, R.; PORTELA, I. **Entre-olhares: Quando a imagem nasce híbrida**. Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal, 2014.

OTTO, T.; SMITH, R. C. Design Anthropology: A Distinct Style of Knowing. In: GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R. C. (Ed.). **Design Anthropology: Theory and Practice**. London, New York: Bloomsbury, 2013. p. 1-29.

PANIZZA, J. F. **Metodologia e processo criativo em projetos de comunicação visual**. 2004. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27148/tde-04082006-120606/pt-br.php](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27148/tde-04082006-120606/pt-br.php)>. Acesso em: 20 outubro de 2018

PATROCÍNIO, G. Design e os países em desenvolvimento: a dialética entre o design para a necessidade e o design para o desenvolvimento. In: PATROCÍNIO, G.; NUNES, J.M. (Orgs.). **Design e desenvolvimento: 40 anos depois**. São Paulo: Blucher, 2015. p 55 – 73.

PITTAWAY, L.; THORPE, R.; HOLT, R.; MACPHERSON, A. **Knowledge within small and medium-sized firms: A systematic review of the evidence**. 2005. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/2c7b/ea31748ddb26116a0bdcffe1c466a6914efa.pdf>>. Acesso em: 20 outubro de 2018.

PORTELA, R. **Correspondência por Meio de Ferramentas de Design: Artesanato e Empoderamento (ou Aprisionamento?)**. 2018. 128f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Design, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

PRAÇA, F. S. G. Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. **Rev. Diálogos Acadêmicos**, v. 08, nº 1, p. 72-87, JAN-JUL,2015. Disponível em: <[http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf)>. Acesso em: 20 outubro de 2018.

SANDELOWSKI, M; BARROSO, J. **Handbook for synthesizing qualitative research**. Brainerd: Bang Printing; 2007.

SILVEIRA, D. T.; CORDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31 – 42.

SMITH, R. C. **Design Anthropology in Participatory Design**. In: **Interaction Design and Architecture(s) Journal**, vol.26. 2015.

SMITH, Rachel Charlotte; OTTO, Ton. Scaffolding Possible Futures: Emergence and

Intervention in Design Anthropology. Interventionist Speculations, The Research Network for Design Anthropology, Copenhagen, 2014. Disponível em:<[https://kadm.dk/sites/default/files/02\\_smith\\_otto\\_emergence\\_and\\_intervention\\_in\\_design\\_anthropology.pdf](https://kadm.dk/sites/default/files/02_smith_otto_emergence_and_intervention_in_design_anthropology.pdf)>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

VENTURA, J.; BICHARD, J. Design anthropology or anthropological design? Towards 'Social Design'. **International Journal of Design Creativity and Innovation**, 2017 v. 5, n. 3-4, p. 222-234.